

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Andreia Filipa Brandão Teixeira Pacheco da Mota

EM BUSCA DE UM SENTIDO NO SABER PRÁTICO:

A construção de uma profissionalidade em Ciências da Educação a partir
de uma dinâmica de trabalho na Casa da Juventude de Gondomar

Relatório apresentado na Faculdade de Psicologia e de Ciências da
Educação da Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre em
Ciências da Educação, realizado sob orientação do professor Doutor
Henrique Vaz.

2010

Resumo

O presente trabalho resulta de um estágio curricular desenvolvido na Casa da Juventude de Gondomar, um contexto educativo não formal e informal, que baseia o seu trabalho numa dinâmica de informação, formação e lazer. As acções desenvolvidas na Casa da Juventude são dirigidas essencialmente aos jovens do Concelho de Gondomar, no entanto, qualquer pessoa pode frequentar e participar nas actividades promovidas.

Enquanto estagiária o meu trabalho consistiu na realização de tarefas bastante diversificadas, contudo, incidiu sobretudo no Serviço de Animação e Dinamização Juvenil da Casa da Juventude através da planificação e dinamização de actividades lúdico-pedagógicas, dirigidas a crianças, adolescentes e jovens.

Para a produção deste relatório apoiei-me nos registos escritos que foram o resultado da observação e intervenção que fui desenvolvendo no contexto de estágio.

Assim, este trabalho tem como finalidade reflectir sobre a importância do estágio na construção da minha profissionalidade, demonstrando de que forma os saberes adquiridos na minha formação académica favoreceram a realização das minhas actividades.

Résumé

Ce travail résulte d'un programme de stages développé à la Maison des Jeunes de Gondomar, un contexte de l'éducation non formelle et informelle, qui fonde son travail dans une dynamique d'information, de formation et de loisirs. Les actions entreprises à la Maison des Jeunes visent principalement à des jeunes de Gondomar, cependant, quelqu'un peut assister et participer aux activités promues.

Mon travail en tant que stagiaire a consisté aux tâches assez diverses, cependant, il a porté, principalement, sur “Serviço de Animação e Dinamização Juvenil” de la Maison des Jeunes à travers la planification et la promotion des activités récréatives et pédagogiques ciblant les enfants, les adolescents et les jeunes.

Pour la production de ce rapport, je m'ai soutenue à des documents écrits qui ont été le résultat de l'observation et de l'intervention développées au cours du temps de stage.

Ainsi, ce travail vise à réfléchir sur l'importance du stage dans la construction de ma professionnalité, en montrant comment les connaissances acquises dans ma formation académique ont facilité la réalisation de mes activités.

Abstract

This work result of an internship develop on Youth House of Gondomar, an institution that presents itself as a non-formal and informal education context, in which its work is based in a dynamic of information, formation and leisure. The action that are developed on Youth House are directed essentially to the youth of Gondomar, however, any person can come and participate on the promoted activities.

As an internship student, my work consisted in quite diversified tasks, however, focused mainly on the “Serviço de Animação e Dinamização Juvenil” through planification and dynamic of playful and pedagogical activities for children, adolescents and youth.

To support the production of this report I resorted to the elaboration of written records that were the result of the observation and intervention I was performing on the internship context.

Therefore, this work has the goal to create reflection about the importance of the internship in the construction of my professionalism, showing how the knowledge acquired in my academic formation facilitated the development of my activities.

Agradecimentos

Este relatório de estágio é resultado de um longo percurso como estudante em Ciências da Educação, e nesse sentido, agradeço previamente a todos aqueles que de alguma forma passaram pela minha vida e que contribuíram para o desenvolvimento da pessoa que sou hoje.

Agradeço particularmente,

À Casa da Juventude de Gondomar por me ter acolhido generosamente; aos seus profissionais, e ainda, às crianças, adolescentes e jovens que foram essenciais e que tornaram possível o desenvolvimento do meu estágio. Um agradecimento especial, à minha supervisora local, a Dr.^a Maria José Luz, pelos conselhos, pelos ensinamentos e pelo estímulo constante, que contribuíram para a minha evolução profissional e pessoal.

Ao meu orientador, professor Henrique Vaz, pelas palavras de apoio, incentivo e orientação que tornaram possível terminar este relatório.

Aos meus pais e à minha avó pelo carinho e compreensão, por sempre acreditarem em mim para que alcançasse esta etapa da minha vida.

Aos meus amigos e amigas, que foram de grande importância na minha vida académica, pelo convívio, divertimento e amizade, mas também pelos momentos de partilha, discussão e reflexão conjunta, sem eles este percurso não teria tanto sentido.

Índice

Introdução	9
Capítulo I – Caracterização da Casa da Juventude Gondomar	
1.1 – Apresentando a freguesia de Gondomar	15
1.2 – A emergência do conceito de Casa da Juventude à luz das concepções de tempo livre, ócio e Lazer	16
1.3 – A importância da educação não formal e informal	20
1.4 – A problemática da cidadania	22
1.5 – A Casa da Juventude de Gondomar: Serviços e funcionalidades	23
1.5.1 – Serviço de Informação aos Jovens	24
1.5.2 – Serviço de Animação e Dinamização Juvenil	26
1.5.3 – Gabinete de Apoio e Orientação Psicológica	28
1.5.4 – Espaço Internet	29
1.5.5 – O Bar e o Espaço Exterior	31
Capítulo II – Vivências e percepções das actividades desenvolvidas	
2.1 – O diário de bordo	35
2.2 – A minha entrada no contexto de estágio	36
2.3 – As minhas intervenções: uma trajetória repleta de aprendizagens e a construção de um “eu” profissional	38
2.3.1 – Actividades desenvolvidas no SADJ	39
2.3.1.1 – <i>Actividades de expressão plástica</i>	40
2.3.1.2 – <i>Dinamização de actividades para grandes grupos</i>	45
2.3.1.3 – <i>O jogo</i>	48
2.3.1.4 – <i>Apoio ao estudo</i>	50
2.3.1.5 – <i>Trabalho de pesquisa e elaboração de documentos</i>	52
2.3.1.6 – <i>Participação na organização de eventos formativos</i>	54
2.3.1.7 – <i>Oficina do Livro</i>	57
2.3.1.8 – <i>Orientação de uma nova funcionária</i>	58
2.3.2 – Actividades realizadas fora do âmbito do SADJ	59
2.3.2.1 – <i>Apoio no trabalho de outros serviços da CJ</i>	59
2.3.2.2 – <i>Visitas lúdicas</i>	60

2.3.2.3 – <i>Visita domiciliária</i>	62
2.3.2.4 – <i>Desenvolvimento (em parceria) de um estudo sobre o tempo livre dos jovens residentes nas freguesias de Gondomar e Rio Tinto</i>	63
Capítulo III – Problemas encontrados no âmbito do estágio	
3.1 – A ausência de jovens e o questionamento sobre a pertinência da Casa da Juventude	67
3.2 – Juventude ou juventudes: de que estamos a falar?	72
3.3 – A (não) participação nas actividades	76
3.4 – Tensão entre proximidade e distância	78
3.5 – A utilidade de um educador/animador na Casa da Juventude	80
Capítulo IV – A construção de uma identidade profissional nas Ciências da Educação	
4.1 – Estágio: o desenvolvimento de um saber-fazer	89
4.2 – As Ciências da Educação: uma formação de banda larga	92
Considerações finais	95
Referências Bibliográficas	97
Anexos	

Introdução

O presente trabalho insere-se no âmbito do estágio curricular do mestrado profissionalizante em Ciências da Educação da Universidade do Porto. A finalidade deste relatório é dar conta, através de uma reflexão crítica e fundamentada, da minha experiência (de quatro meses) no contexto de estágio, das vivências que fui tendo, das competências que tive oportunidade de desenvolver enquanto estagiária, e demonstrar de que forma os conhecimentos adquiridos na licenciatura em Ciências da Educação, e aprofundados no Mestrado, podem ser aplicados num contexto real.

Neste sentido, o contexto onde tive a oportunidade de realizar o meu estágio foi a Casa da Juventude de Gondomar; esta é uma instituição de educação não formal e informal que tem como intuito ser um espaço de informação, formação e lazer, e que se apresenta como um espaço complementar à escola, às associações recreativas e locais. A Casa da Juventude é dirigida, essencialmente, aos jovens do concelho de Gondomar, contudo, qualquer pessoa (criança, jovem adulto ou idoso) pode frequentar a participar nas acções promovidas nesta instituição.

O meu trabalho enquanto estagiária, apesar de se constituir bastante heterogéneo, incidiu particularmente no Serviço de Animação e Dinamização Juvenil, onde numa sala lúdica planificava e dinamizava actividades nas mais variadas áreas, nomeadamente, sociais, culturais, educativas e artísticas, no sentido, de estimular crianças, adolescentes e jovens (grupos com quem tive mais contacto) para a construção de uma cidadania mais participada. Sendo a Casa da Juventude um contexto também de lazer, o convívio foi sempre um elemento essencial, para a partilha de ideias, saberes e experiências que se esperam que sejam significativas.

Penso que o trabalho que desenvolvi na Casa da Juventude esteve muito relacionado com a Animação Sociocultural, e nesse sentido, o domínio por mim escolhido no âmbito do mestrado em Ciências da Educação contribuiu bastante para que estivesse mais atenta às questões relacionadas com a animação de tempos livres. A escolha do domínio de Educação e Lazer deveu-se ao facto de eu considerar que as questões da educação não formal e informal, do lazer e dos tempos livres não foram exploradas de forma profunda, nem alvo de grande reflexão na licenciatura em Ciências da Educação. Questões estas que penso serem pertinentes para serem trabalhadas e que são de grande importância numa sociedade onde cada vez mais se discute esta

problemática dos tempos livres e do lazer. Assim, os contributos que adquiri neste domínio foram de especial importância para a minha posterior actuação no contexto de estágio, pois tive a oportunidade de aprender e conhecer uma diversidade de contextos educativos não formais, uma vez que as suas dinâmicas e intencionalidades educativas foram objecto de análise e reflexão. Este domínio permitiu ainda, que conhecesse novas formas ou diferentes formas de actuação para diferentes grupos sociais, designadamente, crianças, jovens e idosos.

Assim sendo, este relatório está estruturado em quatro grandes capítulos. O capítulo I que se refere à “Caracterização da Casa da Juventude de Gondomar”, encontra-se dividido em cinco subcapítulos; no primeiro subcapítulo dou a conhecer de forma breve a freguesia de Gondomar (S. Cosme), uma vez que é nesta freguesia que fica situada a Casa da Juventude de Gondomar; no segundo subcapítulo, faço uma contextualização histórica, apoiando-me nas concepções de tempos livres, ócio e lazer para explicar de que maneira este conceito de Casa da Juventude surgiu, e como é ainda bastante recente em Portugal por comparação com outros países da Europa. No terceiro subcapítulo abordo a importância da educação não formal e informal como complementares à educação formal. No quarto subcapítulo faço alusão à problemática da cidadania que tem sido alvo de discussão por parte dos agentes políticos devido aos desafios que a sociedade nos coloca actualmente. No último subcapítulo apresento a Casa da Juventude de Gondomar, os seus serviços e funcionalidades, apresentando as dinâmicas de trabalho que este contexto possui.

O capítulo II designado “Vivências e percepções das actividades desenvolvidas”, encontra-se também subdividido em três partes; numa primeira parte explico a importância do meu diário de bordo como instrumento metodológico, uma vez que os registos escritos que fui fazendo resultam da minha observação e intervenção na Casa da Juventude, foram essenciais para a produção deste relatório e para a produção de um sentido enquanto estagiária. Os registos escritos estão presentes ao longo de todo o relatório como forma de enriquecer ainda mais este trabalho. Na segunda parte deste capítulo, dou conta de como foi o meu processo de entrada no contexto de estágio, através alguns pensamentos, sentimentos e sensações que experienciei neste momento importante; na terceira parte, enuncio todas as actividades que estive envolvida enquanto estagiária na Casa da Juventude de Gondomar, e para que a enunciação das

minhas tarefas não assuma um carácter apenas descritivo, dou conta das aprendizagens e ensinamentos que retirei de todas essas actividades, pois todas elas contribuíram à sua maneira para a construção da minha profissionalidade.

O capítulo III denominado “Problemas encontrados no âmbito do estágio”, está dividido em cinco subcapítulos que representam os obstáculos com que me confrontei durante no meu estágio na Casa da Juventude de Gondomar, por outro lado, demonstro de que forma como fui ultrapassando todas as adversidades e os momentos menos bons. Para que este capítulo se constitua numa reflexão crítica e fundamentada em torno destes problemas, apoio-me em alguns contributos teóricos.

O capítulo IV é intitulado “A construção de uma identidade profissional nas Ciências da Educação”, encontra-se organizado em dois momentos; num primeiro momento, reflecto acerca das intervenções que desenvolvi no meu contexto de estágio, demonstrando de que forma a minha formação em Ciências da Educação foi importante na minha actuação enquanto estagiária, e ainda, que competências fui adquirindo ao longo de todo o estágio e que contribuíram para a construção da minha profissionalidade, considerando que o estágio é um espaço de formação e aprendizagem. Num segundo momento, faço referência à formação abrangente que é característica das Ciências da Educação, apoiando-me na concepção de uma formação de banda larga para problematizar a polivalência desta área e as consequências para a construção de uma identidade profissional.

Para terminar, apresento as minhas considerações finais, que em jeito de síntese, dou conta das ideias principais que foram alvo de reflexão neste relatório.

Capítulo I

Caracterização da Casa da Juventude de Gondomar

No primeiro ponto deste capítulo, irei apresentar a área onde fica situado o meu contexto de estágio – a Casa da Juventude de Gondomar – dando a conhecer um pouco a freguesia de Gondomar (S. Cosme); num segundo ponto, irei explicitar de que forma este conceito de Casa da Juventude surgiu e com que finalidade; num terceiro ponto, explico a importância da educação não formal e informal como complementares à educação formal e num quarto ponto, abordo a problemática da cidadania. No quinto ponto, apresento as valências e dinâmicas de trabalho da Casa da Juventude de Gondomar.

1.1 – Apresentando a freguesia de Gondomar (S. Cosme)

A primeira tarefa que desenvolvi enquanto estagiária, foi a de tentar conhecer e compreender a área que envolve o contexto onde eu iria realizar o meu trabalho de estágio. Neste sentido, torna-se pertinente conhecer a área geográfica onde a Casa da Juventude de Gondomar fica localizada. Conhecendo muito pouco o Município de Gondomar (apesar de residir em Rio Tinto), fiz algumas pesquisas acerca deste concelho, tentando conhecer e apreender o local onde eu iria ter o meu primeiro contacto com o mundo profissional, como licenciada e quase Mestre em Ciências da Educação.

Neste sentido, a Casa da Juventude de Gondomar fica situada no concelho de Gondomar, mais concretamente, na freguesia de S. Cosme¹. O concelho de Gondomar pertence ao distrito do Porto e integra a Área Metropolitana do Porto, pertencendo, por isso, à grande Região Norte do país. Gondomar é considerado como sendo o terceiro maior concelho da Área Metropolitana do Porto, precedido apenas por Vila Nova de Gaia e pela cidade do Porto, tendo, de acordo com o último censo, cerca de 164.096 habitantes. Gondomar foi elevada a vila a 22 de Novembro de 1927, e posteriormente, considerada cidade a 16 de Agosto de 1991, estando este concelho dividido em 12 freguesias (Baguim do Monte, Covelo, Fânzeres, Foz de Sousa, Jovim, Lomba, Medas, Melres, Rio Tinto, São Cosme, São Pedro da Cova e Valbom).

¹ Informações acerca do concelho de Gondomar e da freguesia de S. Cosme retiradas do Diagnóstico da Rede Social (2005), do Município de Gondomar e dos sites:

<http://www.ciberjunta.com/gondomarscosme.html>, 29/03/10.

http://www.gondomar.com.pt/v2/index.php?option=com_content&task=view&id=23&Itemid, 29/03/10.

S. Cosme, freguesia onde se encontra a Casa da Juventude de Gondomar, conta com 25.717 habitantes, constituindo-se como a freguesia sede do concelho de Gondomar, e onde podemos encontrar grande parte dos serviços municipais, e ainda, o centro de Gondomar. Nesta freguesia está localizada a Escola Secundária de Gondomar, bem como um colégio privado, o Colégio Paulo VI. Gondomar (S. Cosme) possui como principal actividade económica a ourivesaria, tendo a única escola de ourivesaria em todo o país que forma artesãos do ouro, a Escola Profissional de Ourivesaria (CINDOR).

Gondomar (S. Cosme) é palco de uma grande quantidade de associações e corporações sociais, desportivas e culturais, como a Banda Musical de Gondomar, a Ala Nun'Álvares de Gondomar e o Orfeão de Gondomar; estas são colectividades que têm contribuído ao longo dos anos para o desenvolvimento e para a visibilidade social da cidade de Gondomar. Nesta freguesia podemos ainda encontrar outros equipamentos culturais, dos quais os habitantes de todo o concelho podem usufruir, tendo em vista um maior enriquecimento pessoal e cultural, são exemplos, a Biblioteca Municipal de Gondomar, um equipamento recente, inaugurada no ano de 2005; e o Auditório Municipal que recebe os mais variados eventos, tais como, manifestações culturais, colóquios e congressos; ao fim de semana, este auditório funciona como um cinema. A freguesia de S. Cosme conta ainda, com o maior auditório ao ar livre em todo o país, onde podemos contemplar a majestosa obra de azulejos do pintor português e um dos grandes da pintura contemporânea, Júlio Resende.

De acordo com o Diagnóstico da Rede Social do concelho de Gondomar, podemos afirmar que S. Cosme afigura-se como uma área predominantemente urbana devido à sua proximidade com a cidade do Porto.

1.2 – A emergência do conceito de Casa da Juventude à luz das concepções de tempo livre, ócio e lazer

As Casas da Juventude são ainda um equipamento cultural e de lazer muito recente em Portugal²; poucas são as informações relativas ao conceito de Casa da Juventude, e

² Em Espanha, este conceito de Casa da Juventude parece ser bastante reconhecido, uma vez que os autores espanhóis (Ander-Egg, 1989 e Trilla, 2004) que dominam as temáticas do tempo livre, do ócio e do lazer fazem várias referências a este tipo de instituição.

poucos são também os estudos ou trabalhos académicos acerca destes equipamentos, o que poderá evidenciar, ainda, uma falta de conhecimento sobre as intervenções que os profissionais deste tipo de instituição praticam. No entanto, espero que o presente relatório possibilite, de alguma forma, uma reflexão fundamentada e esclarecida acerca do papel das Casas da Juventude e do trabalho desenvolvido nestes contextos, permitindo, assim, um conhecimento mais profundo, ainda que a reflexão deste trabalho esteja directamente relacionada com a minha experiência em concreto.

Torna-se, portanto, indispensável contextualizar a emergência das Casas da Juventude, a conjuntura social que envolve o surgimento destes equipamentos e a sua finalidade. Assim sendo, as Casas da Juventude surgiram na Europa seguindo o desenvolvimento e as transformações que ocorreram no período Pós-revolução Industrial. A Alemanha e a França são dois exemplos que apresentam um modelo próximo do conceito de Casa da Juventude, um “... modelo de funcionamento baseado no desenvolvimento de actividades de ocupação de tempos livres e formação pedagógica das novas gerações” (Casanova, 2007: 38). Esta época ficou marcada por profundas mudanças nos centros urbanos, mas fundamentalmente pelas transformações que se fizeram sentir na organização do trabalho decorrentes do progresso tecnológico, e por conseguinte, da flexibilização, redução da carga horária e do desenvolvimento de trabalhos precários. Este cenário de crise, causou efeitos nefastos na vida dos indivíduos, pois a incerteza era (e é actualmente) a palavra de ordem, num futuro que se apresenta dúbio e que assombra a vida não só dos adultos, mas em especial dos jovens, que são quase como “obrigados” a prolongarem os seus estudos, uma vez que os avanços tecnológicos exigem e conduzem a uma maior necessidade de formação, tornando-se um elemento indispensável num mundo em constante mudança.

“Com a crise da sociedade centrada no trabalho, alguns valores e categorias são resgatados e demandam uma nova caracterização. O domínio do trabalho na estruturação social passa a ser questionado e surgem ideias que colocam o tempo livre, o ócio e o lazer no papel de elementos estruturantes do novo contexto social” (Aquino e Martins, 2007: 479-480), sendo, por isso, fundamental explicitar aquilo que se entende por tempo livre, tendo presente os termos que o envolvem, e admitindo que tempo livre não é univocamente o mesmo que tempo liberto. Desta forma, deparamo-nos com a existência de um tempo de trabalho e um tempo de não trabalho, sendo que o tempo de trabalho seria aquele marcado por um horário laboral, onde o indivíduo cumpria as suas

obrigações profissionais; neste tempo de trabalho encontram-se também as obrigações do exercício de cidadania, como os deveres familiares, sociais e morais. Por outro lado, o tempo do não trabalho poderia ser compartilhado em dois tempos, um tempo ocupado com a supressão das necessidades fisiológicas (como dormir, tratar da higiene pessoal, comer, entre outras) e ainda com a ocupação de actividades secundárias e pessoais do sujeito (como ir ao banco, ao dentista, aos correios, entre outros); por fim, o restante tempo, um tempo liberto considerado de passividade ou de ócio (Lopes, 2006; Quintana, 1993).

Como se pode evidenciar tempo livre e ócio possuem naturezas distintas; que importa clarificar o que se entende por ócio, e para isso apoio-me na visão de Dumazedier (cit. in Lopes, 2006: 440-441), segundo a qual define “o ócio é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo se pode entregar de forma completamente voluntária depois de se ter liberto das suas obrigações profissionais, familiares e sociais, para descansar, para divertir-se, para desenvolver a sua informação ou formação, para participar voluntariamente na vida social da sua comunidade”. Compreender o ócio desde ponto de vista pode ser enriquecedor para o indivíduo, na medida em que estimula o sujeito para o desenvolvimento da sua capacidade criativa e criadora, de formação e de realização pessoal, pelo que o termo ócio está interligado aos três D’s (diversão, descanso e desenvolvimento). Cuenca (cit. in Lopes, 2006) reforça esta ideia, acrescentando uma componente lúdica ao ócio, associando-o ao jogo, às actividades de lazer, à criatividade, à participação voluntária, à integração solidária e ao desporto.

Assim sendo, o ócio aparece como um termo que envolve alguma polémica, pois para além da sua significação, não é unânime a sua origem. Contudo, é consensual que o ócio possui uma dimensão utópica, de procura incessante da felicidade, convertendo-se num direito para todos os cidadãos inseridos nas sociedades desenvolvidas.

Ócio e lazer são muitas vezes tidos como sendo termos semelhantes que significam a mesma coisa, especialmente no Brasil. No entanto, partilho do mesmo pensamento de Lopes (2006) que apesar dos fenómenos ócio e lazer necessitarem de um tempo liberto, eles não possuem o mesmo significado. A palavra ócio deriva do latim *otium*³, “...significa o fruto das horas vagas, do descanso e da tranquilidade, possuindo também sentido de ocupação suave e prazerosa, porém, como ócio, abriga a ideia de repouso,

³ O ócio teve a sua origem na Grécia Antiga com a palavra *Scholé*, que significa o lugar do ócio.

confunde-se com ociosidade” (Aquino e Martins, 2007: 488), por outro lado, a palavra lazer deriva do latim *licere*, e está associada, ao entretenimento, ao turismo, ao divertimento e à recreação; “...o carácter [libertador] do lazer é resultado da livre escolha, embora esta não exista de forma absoluta, uma vez que a livre escolha está marcada por condicionamentos diversos, sobretudo os socioeconómicos” (Aquino e Martins, 2007: 487). De acordo com Dumazedier, o lazer é praticado à margem das obrigações sociais num tempo que varia de acordo com as actividades profissionais; o lazer possui um lugar de relevo e cumpre funções de descanso e diversão. O ócio vai um pouco mais além, ele encontra-se na categoria “...do liberatório, do gratuito, do hedonismo e do pessoal, sendo estes factores não condicionados inteiramente pelo social e sim pelo modo de viver de cada um, relacionado com o prazer da experiência” (cit. in Aquino e Martins, 2007: 486). Por outras palavras, o ócio tem que ver, essencialmente, com a liberdade individual do sujeito para fazer as suas escolhas, sendo que para isso é necessário possuir algum tempo, libertando-se dos obstáculos, deveres e exigências impostas pela sociedade, tendo liberdade total de escolha para desenvolver as suas actividades.

Contudo, se tivermos presente o conhecido provérbio português “a ociosidade é a mãe de todos os vícios”, compreende-se que o ócio é por vezes encarado como sendo algo negativo, por ser confundido com ociosidade, e também porque é um conceito ligado ao consumo e ao negócio como forma de ganhar lucro; o tempo livre e liberto que o indivíduo alcançou devido à redução da carga horário de trabalho, gerou alguma controvérsia pelo uso pouco produtivo e passivo que o sujeito poderá fazer nesse tempo disponível. De acordo com Herbert Marcuse “o ócio foi manipulado de tal maneira que se tornou um mecanismo gerador de ideias consumistas, ou seja, [o] ócio foi utilizado para a criação de falsas necessidades materiais. Devido a este facto, temos hoje, a preponderância do Ter sobre o Ser, que gera uma desmedida ambição por prosperidade” (cit. in Aquino e Martins, 2007: 489).

Neste sentido, torna-se fundamental ocupar este tempo de ócio de forma positiva, encarando este tempo como uma oportunidade de formação, realização e de enriquecimento pessoal, atribuindo a este tempo liberto uma dimensão educativa favorável ao ser humano. Vários são os autores que têm reflectido sobre uma Pedagogia do Ócio (Lopes, 2006; Quintana, 1993; Trilla, 2004), relacionando o tempo de ócio com as actividades e princípios que orientam a Animação Sociocultural, a qual “... por sus

notas definitórias de libertad, y de dinamización propositiva de acción autónoma, perfectiva y participante al mismo tiempo que creativa, contrasta con la passividad, alienación consumista y excessiva directividad de otros procesos y metodologias, aparecendo como metodología muy apropiada a de ocio educativo” (Merino cit. in Quintana, 1993: 55). A Animação Sociocultural baseando a sua actividade em princípios como a integração, a autonomia, a participação, o lúdico, a criatividade, o associativismo, faz com que o tempo dedicado ao ócio seja um tempo de desenvolvimento humano.

1.3 – A importância da educação não formal e informal

As instituições ligadas a uma educação não formal (como colónias férias, clubes desportivos, escuteiros, Casas da Juventude, entre outras) são aquelas que através da animação potenciam actividades favoráveis ao uso do tempo de ócio de forma positiva, nomeadamente, a vivência de experiências significativas entre pares e intergeracionais, o desenvolvimento de laços de solidariedade, e de valores como a camaradagem, o convívio e a amizade. As instituições de educação não formal configuram-se como verdadeiros agentes educativos que potenciam aprendizagens e experiências que se relacionam muito com o contexto de vida do indivíduo. Este facto evidencia que o conceito de educação tornou-se mais amplo, considerando a educação um processo extra-escolar, permanente e relativo ao estágio de vida de cada sujeito, e nesse sentido,

“...a educação constitui algo mais do que proporcionar conhecimentos. Educar é ter em atenção os ritmos, a diversidade, a ligação do indivíduo à comunidade, e por isso, o acto de educar não deve estar confinado à oferta das instituições educativas formais. Formar não é sinónimo de meter numa forma. A educação deve estar vinculada à vida e comprometida com o desenvolvimento global do ser humano e com os seus diferentes ciclos de crescimento” (Lopes, 2006: 395).

Tendo por base este pensamento, concordamos que a educação ultrapassa os muros da escola, e que a educação precede a instituição escolar, não devendo por isso, confundir-se educação com escolaridade, mas antes enfatizar uma concepção de educação mais ampla e abrangente onde a educação formal, não formal e informal se complementam.

Assim sendo, entende-se por educação não formal uma modalidade educativa que assenta na flexibilidade, isto é, não assenta em normas rígidas, tendo como finalidade última a criação de situações que se esperam significativas para o indivíduo, sendo pautada por princípios como a partilha, a convivência, o estabelecimento de relações horizontais. Na opinião de Trilla a educação não formal é um “...conjunto de processos, meios e instituições específicas e diferencialmente desenhados em função de explícitos objectivos de formação ou de instrução, que não estão directamente dirigidos à provisão de graus próprios do sistema educativo regulamentado” (cit. in Lopes, 2006: 406). Por outro lado, a educação formal tem como modelo a educação escolar, baseando-se numa assimetria de relações, seguindo horários e um plano curricular rígidos, que culmina na avaliação dos sujeitos através de um processo de certificação. Lopes (2006: 406) chama atenção para o facto de a educação não formal consistir “...em incitar, motivar, potenciar, enquadrar a educação formal através de actividades que conferem sentido, partilha, interacção e envolvimento no acto de educar. Neste caso, a educação não formal tende a converter-se numa tecnologia educativa ao serviço das áreas do saber formal”, configurando-se a Animação Sociocultural como um paradigma educativo que emerge passível de mediar ambas as modalidades.

Não menos importante, podemos afirmar que a educação informal resulta num conjunto de aprendizagens e vivências experienciais que o indivíduo vai possuindo de forma não deliberada ao longo da sua vida, sendo aprendizagens não conscientes e instintivas; seguindo este entendimento, Coombs (cit. in Cavaco, 2002: 29-30) afirma que a educação informal é

”...um processo [que ocorre] ao longo da vida através do qual cada pessoa adquire e acumula acontecimentos, capacidades, atitudes, a partir de experiências quotidianas e da interacção com o meio ambiente – em casa, no trabalho e no lazer; a partir do exemplo e das atitudes da família e dos amigos, das viagens, lendo jornais e livros, ou escutando rádio, vendo filmes ou televisão. Em geral, a educação informal não é organizada, nem sistematizada, nem sequer, muitas vezes, intencional, mas constitui até ao presente a maior fatia da aprendizagem total durante a vida de uma pessoa – mesmo para aquelas que são altamente escolarizadas”.

Importa salientar a complementaridade deste modelo triádico de educação, uma vez que as três modalidades apresentadas são importantes e fundamentais, sendo que nenhuma delas pode por si só responder às necessidades educativas dos indivíduos; não se ambiciona, portanto, que a educação não formal e informal substituam a educação

formal, mas antes se articulem entre si para um desenvolvimento mais completo do ser humano.

1.4 – A problemática da cidadania

Com a democratização do ensino em Portugal (após o 25 de Abril de 1974), constatou-se um grande desenvolvimento de programas orientados para diversos contextos de educação não formal, com o objectivo de relacionar a educação não formal com o contexto de vida dos sujeitos, particularmente programas destinados à juventude.

Nos últimos anos tem existido uma grande preocupação dos agentes políticos e educacionais com a problemática da cidadania e da responsabilidade social um pouco deixada de lado pela juventude de hoje. Os novos desafios que se colocam, actualmente, às sociedades exigem cidadãos mais conscientes acerca dos problemas que os afectam ao nível político e social, para que possam ter poder de decisão na resolução desses mesmos problemas. Para isso, tornava-se necessário, o desenvolvimento de uma educação que tenha como intuito a construção de uma cidadania consciente e esclarecida, uma vez que “a enorme velocidade a que se processa a mudança exige melhor educação, redefinindo o seu papel, no sentido de preparar os jovens para a inserção no mundo do trabalho e de lhes proporcionar condições de desenvolvimento pessoal e social, de modo a compreenderem o seu papel enquanto indivíduos pertencentes a uma sociedade simultaneamente local e global” (Beltrão cit. in Casanova, 2007: 8). Dito de outra forma, pretende-se que a educação para a cidadania implique os jovens agirem da melhor forma nos seus contextos de vida, apreendendo-os e conhecendo-os de forma a desenvolverem uma atitude mais participativa e activa na sociedade à qual pertencem, intervindo civicamente para si e para a comunidade.

Neste sentido, as Casas da Juventude aparecem como instituições públicas pertencentes aos serviços sociais e de juventude das autarquias locais, tendo um vasto programa de actividades que varia de acordo com os contextos onde cada organismo fica situado. Em Portugal, o surgimento da primeira Casa da Juventude foi em 1997 na Póvoa de Varzim, o que rapidamente conduziu à difusão deste tipo de instituições um pouco por todo o país, com o desígnio de responder

“...a uma necessidade de complemento educativo aos tradicionais estabelecimentos de ensino, associações, clubes de bairro, etc., fornecendo às

novas gerações diversas linhas de apoio e informação no desenvolvimento de actividades culturais e de lazer, ou seja, desenvolveu-se uma nova componente da estratégia de formação do indivíduo em ordem a juventudes melhor preparadas para intervir socialmente” (Casanova, 2007: 4).

1.5 – A Casa da Juventude de Gondomar: Serviços e funcionalidades

“Ao chegar à Casa da Juventude de Gondomar deparei-me com um edifício que se assemelhava muito a uma escola; o lado exterior da casa pareceu-me muito agradável e propício ao convívio entre crianças e jovens. A Casa da Juventude fica situada no final de uma rua bastante calma e rodeada por algumas moradias e alguns campos” (NT1⁴:23/10/09).

O pelouro da Animação e Juventude da Câmara Municipal de Gondomar é responsável pelas Casas da Juventude de Gondomar e de Rio Tinto; uma vez que o meu estágio foi realizado na Casa da Juventude de Gondomar, na descrição que farei acerca deste contexto, apenas farei referência ao meu local de estágio, ainda que as características que apresentarei possam ser transversais a ambas as Casas da Juventude.

Neste sentido, a Casa da Juventude de Gondomar é um equipamento cultural e de lazer que entrou em funcionamento a 25 de Novembro de 2005; a sua missão assenta numa “... dinâmica de informação, animação, formação e ocupação dos tempos livres, proporcionando aos munícipes melhores condições para o seu desenvolvimento psico-socio-cultural”⁵, por outras palavras, esta instituição apresenta-se como um espaço complementar a outros contextos como a escola, as associações locais, espaços recreativos, entre outros. Como o próprio nome sugere, a Casa da Juventude é um espaço direccionado particularmente aos jovens do município de Gondomar, contudo, está aberta a toda a população, e nesse sentido, qualquer criança, adulto ou idoso residente (ou não) no concelho pode frequentar este espaço e usufruir dos equipamentos e participar nas actividades promovidas pela Casa da Juventude de Gondomar.

O trabalho desenvolvido por este equipamento social rege-se por um Plano Anual de Actividades, plano este que é partilhado com a Casa da Juventude de Rio Tinto; todos os anos é desenvolvido um plano anual com as principais actividades, workshops,

⁴ Nota de terreno do meu diário de bordo.

⁵ Informação retirada do Plano Anual de Actividades de 2010, das Casas da Juventude de Gondomar e Rio Tinto.

formações, seminários e palestras a serem desenvolvidas nesse ano. O plano é concebido, tendo em conta as necessidades, as expectativas e os desejos que os utentes da casa demonstram, não só crianças, jovens e adultos, como também profissionais de educação do município de Gondomar (Professores, Psicólogos, Assistentes Sociais, Educadores de Infância, Bibliotecários, entre outros). Este plano de actividades pode ser considerado como sendo um projecto educativo, pois na base de todas as actividades a desenvolver está um tema ou uma temática que é central; para o ano de 2010 a Casa da Juventude de Gondomar (e de Rio Tinto), propõe desenvolver o projecto intitulado “Ao sabor das letras”, que tem como finalidade incentivar os utentes à leitura e a familiarizarem-se mais com os livros, e simultaneamente, estimular a escrita criativa de cada um. Assim sendo, este projecto tem como intenção trabalhar o livro em todas as suas dimensões (plástica, artística, entre outras), nomeadamente, as obras do autor José Jorge Letria.

A Casa da Juventude de Gondomar sendo uma instituição pública segue um regulamento onde estão definidas um conjunto de regras que garantem zelar pelos equipamentos e pelo bom funcionamento dos espaços, não apenas por parte dos utentes mas também por parte dos funcionários; e ainda, as medidas que devem ser tomadas caso o regulamento não seja cumprido pelos utentes. Se tal acontecer, um utente poderá ser punido até dois anos de suspensão, não podendo nesse tempo frequentar a Casa da Juventude; regra que se pode constatar no artigo 25º do regulamento, onde “será aplicada, em caso de comportamento que perturbe o normal e regular funcionamento dos equipamentos, (...) ou em situação de reincidência, a sanção acessória de interdição de acesso, até ao limite de 2 anos”.

Desta forma, face aos elevados requisitos que actualmente a nossa sociedade exige não só dos jovens mas também de crianças e adultos, podemos encontrar na Casa da Juventude de Gondomar um conjunto de valências, que enuncio de seguida, que visam apoiar e orientar os utentes na construção ou na reconstrução de um projecto de vida.

1.5.1 – Serviço de Informação aos Jovens

A Casa da Juventude tem (...) na entrada uma espécie de secretaria, na qual todas as crianças e jovens (utes) têm que passar e apresentar o seu cartão de utente para poderem-se inscrever nas várias actividades e utilizar os equipamentos disponibilizados pela casa” (NT1: 23/10/09).

O Serviço de Informação aos Jovens (SIJ) sob a forma de recepção, tem como objectivo “...privilegiar o contacto com todos os munícipes, principalmente os mais jovens, de forma a conhecer as suas necessidades e, a partir daí, disponibilizar e promover todo o tipo de informação que dê resposta aos seus problemas e contribua para a sua integração efectiva”⁶. Este serviço tem a finalidade de informar os utentes não só sobre as actividades a decorrer na Casa da Juventude mas também sobre actividades a decorrer em outras entidades do município de Gondomar, particularmente, ofertas que digam respeito à juventude, nomeadamente, nas áreas de educação e formação, acção social, cultura e desporto.

O SIJ tem parceria com o Instituto Português da Juventude (IPJ), permitindo que os utentes com idade até os 30 anos possam adquirir o cartão jovem, tendo vantagens na reserva de estadia em pousadas da juventude (nacionais e internacionais), e em albergues; é um cartão vantajoso para jovens que queiram integrar campos de férias e/ou de trabalho, programas de ocupação de tempos livres, voluntariado, e ainda formações, oficinas, passatempos, entre outras actividades promovidas pelo Instituto Português da Juventude, que o SIJ divulga.

O Serviço de Informação aos Jovens tem como valência a Unidade de Inserção na Vida Activa, uma unidade que tem como finalidade “... facilitar a inserção e articulação entre a formação e a vida activa, especialmente dos jovens candidatos ao primeiro emprego”⁷, tendo por isso, uma parceria com o Instituto de Emprego e Formação Profissional. O SIJ é muitas vezes solicitado não só por jovens mas também por adultos que procuram informações acerca de ofertas de ensino, formação e emprego. Neste sentido, com a parceria com o Instituto de Emprego e Formação Profissional, particularmente, com o Centro de emprego de Gondomar, o SIJ disponibiliza aos utentes informações actualizadas sobre as ofertas de emprego e de formação para jovens e adultos do município, e ainda procura divulgar ofertas de ensino e formação de outras entidades, tudo para que os utentes possam ter um acesso à informação mais facilitado e por conseguinte, possuam mais oportunidades no mercado de trabalho. A funcionária que tem a função de desenvolver todo o trabalho deste serviço, pode ainda seleccionar uma oferta de formação ou emprego e caso considere que determinado jovem ou adulto

⁶ Informação retirada do Plano Anual de Actividades de 2010, das Casas da Juventude de Gondomar e Rio Tinto.

⁷ Informações retiradas acerca do Serviço de Informação aos Jovens no site:
http://www.cm-gondomar.pt/PageGen.aspx?WMCM_PaginaId=30193, 29/03/10.

corresponde ao perfil da oferta e caso o utente esteja interessado, pode proceder ao contacto da entidade que divulgou a oferta. A funcionária orienta o jovem ou o adulto na realização do seu Curriculum Vitae, ensinando ainda, técnicas de procura de emprego. A funcionária destacada neste serviço (e sem formação específica) faz ainda todo o trabalho administrativo.

Uma das regras que os utentes da Casa da Juventude de Gondomar devem cumprir é a apresentação de um cartão de utente, que devem mostrar à funcionária deste serviço quando entram na Casa da Juventude; este cartão contém o nome e um número que é único do utente. Os utentes devem ainda, sempre que entrarem na Casa da Juventude, preencher uma folha de presença onde colocam a data, o seu nome e o número do cartão de utente. Caso algum utente se esqueça deste cartão e não o apresente à funcionária não poderá ficar na casa, bem como participar nas actividades nem usufruir dos espaços; quem visita pela primeira vez a Casa da Juventude tem que adquirir de imediato um cartão de utente; regra esta que está disposta no artigo 17º do regulamento das Casas da Juventude do Município de Gondomar, na qual o utente que não possua o cartão de utente “... deverá dirigir-se a um dos animadores do Espaço Internet e preencher a respectiva Ficha de Inscrição de Utilizador, podendo o animador solicitar a apresentação de um documento com fotografia para comprovar a identidade do utilizador”.

1.5.2 – Serviço de Animação e Dinamização Juvenil

“Esta casa tem no seu interior uma grande sala lúdica, na qual decorrem as mais variadas actividades. Nesta sala pude constatar que existe um espaço mais direccionado aos jovens e outro mais direccionado aos mais pequenos; existindo também, dois sofás e duas televisões, cada uma delas com uma playstation” (NT1: 23/10/09).

O serviço de Animação e Dinamização Juvenil (SADJ) tem como função promover e desenvolver oficinas de expressão plástica e artística para crianças, adolescentes, jovens e adultos. A responsável por dinamizar este serviço é licenciada em Ciências da Educação, e portanto, muito sensível às questões da educação e da formação, tendo uma vasta experiência profissional com a população juvenil; esta técnica é ainda a Coordenada da Casa da Juventude de Gondomar, sendo a ela que todos os funcionários

devem prestar contas pelo seu trabalho. No SADJ podemos, ainda, encontrar uma outra funcionária, com o curso profissional de Animação Sociocultural.

O SADJ é um espaço didáctico destinado também ao desenvolvimento de acções de formação, de sensibilização e de workshops, uma vez que a Casa da Juventude de Gondomar tem como grande objectivo apostar cada vez mais na formação, condição necessária para que jovens e adultos mantenham sempre os seus conhecimentos e competências actualizadas, possuindo ferramentas necessárias e indispensáveis para fazerem frente às constantes mutações sociais, culturais e profissionais que a sociedade se lhes apresenta. Este espaço desenvolve, neste sentido, acções de formação direccionadas à comunidade escolar, ao público em geral e aos profissionais de educação do município de Gondomar, que demonstram sempre bastante interesse e utilidade nas ofertas formativas que a Casa da Juventude promove. Este espaço, com aviso prévio, pode, ainda, ser cedido a associações ou instituições do concelho de Gondomar. Todas as actividades que decorrem neste espaço estão definidas no Plano Anual de Actividades.

A sala didáctica é um espaço com enormes dimensões e decorada de forma bastante alegre e juvenil, sem contudo, estar infantilizada demais; neste espaço podemos encontrar uma variedade de materiais de expressão plástica e artística, inúmeros jogos de tabuleiro (como o monopólio, Cluedo, Pictionary, Scrabble, entre outros); uma estante com alguns livros com temas de grande interesse para os jovens; alguns filmes, jogos de PC, e ainda inúmeros jogos de playstation. São duas as playstations que este espaço possui, sendo bastante requisitadas pelos adolescentes do sexo masculino.

Os utentes que pretendam usufruir deste serviço devem cumprir um conjunto de regras para um melhor funcionamento do espaço. Antigamente, todos os materiais e jogos estavam fechados à chave, e neste momento, estão à vista e à disposição de qualquer utente, o que implica uma maior responsabilização não só da parte dos utentes mas também dos funcionários, que em momento algum podem deixar o espaço lúdico sem supervisão. Desta forma, nenhum utente pode pegar em algum material de desenho, jogos ou livros sem antes pedir autorização; o utente sempre que quiser requisitar algum filme, livro ou jogo (seja de tabuleiro, PC ou playstation) deve apresentar o seu cartão de utente ao funcionário responsável por aquele serviço para que possa efectuar o registo da requisição. As caixas dos filmes, jogos de PC e jogos da playstation estão à vista de todos os utentes, no entanto, os jogos propriamente ditos são numerados e

guardados numa pasta no Espaço Internet; o utente pede o número referente à caixa do jogo ou filme que quer jogar ou ver, o funcionário aponta o nome e o número do utente, bem como o número do jogo e a hora a que o jogo foi requisitado, o utente dirige-se ao Espaço Internet para ir buscar o jogo. Para entregar o jogo ou o filme o processo é exactamente o mesmo, o utente informa que quer entregar e o funcionário aponta hora a que foi entregue.

No que diz respeito ao uso da playstation, a sua utilização está limitada a dois elementos e não mais do que isso, sendo que os utilizadores podem jogar por tempo indeterminado, contudo, caso haja fila de espera esse tempo é limitado a trinta minutos. É neste serviço que jovens ou adultos podem requisitar o bilhar, pois a Casa da Juventude de Gondomar possui uma sala própria com um bilhar. Para o uso do bilhar também existem regras, nomeadamente, a apresentação do cartão de utente, e o facto de o bilhar ser direccionado apenas para jovens a partir dos 15 anos, podendo apenas jogar duas pessoas; um utente com menos de 15 anos pode jogar mediante a supervisão de um dos funcionários da Casa da Juventude. Esta extrema supervisão deve-se ao facto de os utentes não cultivarem o vício do jogo e não causarem grandes perturbações, e encararem o bilhar apenas como um divertimento.

1.5.3 – Gabinete de Apoio e Orientação Psicológica

“... A maior parte das crianças e dos jovens que têm consultas na Casa da Juventude estão sinalizadas na CPCJ, e que se faltarem um certo número de vezes, os pais têm que responder em tribunal pelas suas faltas. As consultas são gratuitas, e por isso, qualquer pessoa que queira ter uma consulta pode inscrever-se, sem ter que pagar nada. Contudo, o que acontece é que as pessoas que marcam as consultas desmarcam-nas muitas vezes, denotando alguma falta de responsabilidade e respeito por um serviço que é gratuito” (NT27: 14/12/09).

O Gabinete de Apoio e Orientação Psicológica (GAOP) é um serviço gratuito que tem como premissa valorizar a privacidade e a confidencialidade dos utentes, neste caso os jovens. É um gabinete onde os jovens podem expor os seus problemas, as suas angústias, os seus medos e os seus desejos, no fundo conversar sobre questões que envolvam a problemática da adolescência, contando com o apoio de três psicólogas da Comissão e Protecção de Crianças e Jovens da Câmara Municipal de Gondomar, que os orientam na procura de respostas e soluções para os seus problemas e anseios. Apesar deste serviço se dirigir particularmente os jovens, crianças e adultos podem também

usufruir deste gabinete e procurar apoio. Usualmente são crianças e jovens que já se encontram sinalizados na Comissão e Protecção de Crianças e Jovens, e que são como “obrigados” a apresentarem-se a estas consultas, e portanto, estas são “obrigatórias” para crianças e jovens até os 18 anos. Os adultos que recorrem a estas consultas são normalmente, pessoas que se encontram numa depressão profunda, por vários motivos que a vida se lhes reserva, sendo um deles, o desemprego.

O GAOP tem como valências o “apoio psicológico individual; avaliação psicológica; orientação vocacional; acções de sensibilização e/ou formação...”⁸. Neste conjunto de valências apresentadas, o GAOP ainda dispõe de um programa designado “Sentados na Almofada” que visa a reflexão e a discussão, em grupo, sobre temas que suscitam interesse à população jovem; este programa ocorre uma vez por mês no espaço didáctico da Casa da Juventude de Gondomar. As sessões são dinamizadas por uma das psicólogas, ou por vezes, convidam especialistas para falarem de determinados temas; para assistirem a estas sessões são convidadas, habitualmente, turmas das escolas do município de Gondomar.

1.5.4 – Espaço Internet

“[O Espaço Internet] é um local muito movimentado e frequentado por crianças e jovens. Neste espaço podemos encontrar 11 computadores e muitas propostas de formação, para quem estiver interessado. Quem quiser utilizar os computadores apenas tem que mostrar o seu cartão de utente, para que seja feito um registo da entrada e para que computador o utente vai; podendo também, trazer o seu portátil e estar no bar, acendo à internet através do wireless” (NT12: 20/11/09).

“O Espaço Internet é um serviço que possibilita ao utilizador o acesso a computadores e à Internet de uma forma gratuita mas limitada aos detentores do Cartão de Utilizador”. Como refere o artigo nº 16 do Regulamento das Casas da Juventude do Município de Gondomar, o Espaço Internet é outro dos serviços que integra a Casa da Juventude de Gondomar, sendo este um serviço que se configura de extrema importância para os utentes que ainda não têm a possibilidade de aceder à internet em

⁸ Informação retirada sobre o Gabinete de Apoio e Orientação Psicológica no site da Câmara Municipal de Gondomar:

http://www.cm-gondomar.pt/PageGen.aspx?WMCM_PaginaId=30193, 29/03/10.

casa, podendo, neste sentido, recorrer a este espaço e acederem a um universo interminável de informações. Este serviço dispõe de onze computadores, os quais podem ser utilizados por qualquer utente mediante a apresentação do cartão de utente; o uso dos computadores pode ser por tempo indeterminado, a menos que haja uma lista de espera, o tempo fica limitado a sessenta minutos. Os utentes que possuírem portáteis podem navegar na internet no bar através do wireless, e para isso devem requisitar auscultadores a um dos funcionários do espaço.

O Espaço Internet é dinamizado por três funcionários, sendo que apenas um deles tem formação específica em informática; este espaço tem ainda, uma funcionária com o curso profissional de Animação Sociocultural e um outro funcionário que tem formação em línguas. Estes três funcionários têm a função de supervisionarem todo o espaço, estando atentos a comportamentos menos correctos por parte dos utentes, nomeadamente, ao tipo sites a que acedem.

Vários são as crianças e os jovens que se dirigem a este serviço não só para navegarem na internet, mas também para fazerem pesquisas, enviar e trocar correspondências electrónicas, e participarem em redes sociais como o HI5 ou o Facebook, ou ainda, estarem na conversa com os amigos através do Messenger. Contudo, cada vez mais os adultos optam por frequentar este serviço, especialmente as formações que este serviço promove. Desta forma, várias são as formações que os dinamizadores deste serviço desenvolvem ao nível da informática, nomeadamente, cursos de iniciação à informática, onde o participante aprende a ligar um computador, a mexer no rato, entre outras aprendizagens; cursos de aprofundamento, onde nesta etapa o participante aprende os programas básicos como o Word, o PowerPoint, o Excel, entre outros. Estes cursos podem ainda ser desenvolvidos em portáteis, cabendo a cada participante a responsabilidade de trazer para a formação o seu próprio computador. Estes cursos são muito solicitados pelos utentes, especialmente pelos adultos, que consideram o saber informático um bem essencial hoje em dia.

“Ao final da tarde, veio à Casa da Juventude um senhor que se queria inscrever num curso de informática que os funcionários do espaço internet iam dar aos Sábados. Era um senhor com 59 anos, que ficou desempregado e a esta altura do campeonato não sabe o que irá ser da sua vida, no entanto, não desanimou, aparentando ser uma pessoa muito simpática, bem-disposta, alegre e acima de tudo muito activa e dinâmica, estando neste momento a tirar um curso de equivalência ao 12º ano, e querendo agora possuir algumas competências a nível informático” (NT39: 6/01/10).

No final de cada curso, os utentes obtêm um diploma de competências básicas em Tecnologias de Informação e Comunicação.

1.5.5 – O Bar e o espaço exterior

“...uma área onde os jovens podem conviver; o bar tem ainda, uma pequena estante com algumas revistas e jornais diários para que os jovens da casa se mantenham informados” (NT1: 23/10/09).

O bar é um espaço favorável ao convívio e a encontros informais, seja entre crianças e jovens, seja entre adultos. Neste local os utentes podem encontrar um conjunto de revistas e jornais diários, promovendo assim, a leitura e mantendo os utentes da casa informados acerca do que se passa no país e no mundo, especialmente, para crianças e jovens que estão numa fase de construção da sua cidadania e o do seu espírito crítico. O bar dispõe de duas máquinas (de café e comida) que os utentes podem utilizar caso queiram fazer um lanche. A partir deste espaço os utentes que possuem um computador portátil podem aceder à internet, caso não queiram estar no Espaço Internet. É ao final da tarde que o bar, usualmente, fica mais movimentado, quando crianças, adolescentes e jovens saem da escola.

Se o bar é propício a encontros informais e à confraternização, também o espaço exterior é propenso a isso; a Casa da Juventude,

“...usufrui de um grande jardim onde podemos encontrar algumas árvores, bancos, matraquilhos e uma mesa de ping pong; o espaço exterior é bastante frequentado pelos jovens e aqui decorrem diversas actividades, particularmente no Verão, uma vez que nesta estação do ano o tempo é mais agradável” (NT1: 23/10/09).

Como podemos ler neste pequeno excerto do meu diário de bordo, o espaço exterior da Casa da Juventude de Gondomar é bastante frequentado sobretudo pelos jovens no Verão, uma vez que têm à sua disposição uma mesa de ping pong e de matraquilhos, actividades que estes gostam bastante de jogar. Qualquer utente pode requisitar, por exemplo, um jogo de tabuleiro e jogar no jardim da casa.

O espaço exterior da casa possui ainda uma esplanada, que os utentes podem utilizar quando o tempo está mais agradável, caso prefiram ler uma revista, o jornal ou simplesmente conversar ao ar livre.

Penso que é importante referir que todos os serviços da Casa da Juventude de Gondomar entram em funcionamento, de Segunda à Sexta-feira, às 9:00 horas e terminam às 17:30 horas, com excepção do Espaço internet que funciona de Segunda à Sexta-feira das 10:00 horas às 22:00 horas, e aos sábados das 14:00 às 23:00 horas.

Em suma, a Casa da Juventude é um espaço que tem como intuito apostar na formação e que visa a participação de todos (crianças, adolescentes, jovens e adultos) nas mais diversas actividades (sociais, culturais, educativas, artísticas, entre outras). Pretende-se que este contexto seja um espaço favorável à camaradagem, onde todos partilhem ideias e experiências, mas também que haja uma atenção particular para com os jovens e para a sua construção de uma cidadania mais activa e mais participada, tentando integrar e afirmar os jovens na realidade social, que hoje em dia é um processo duro, para qualquer jovem que termine os seus estudos.

Capítulo II

Vivências e percepções das actividades desenvolvidas

Este segundo capítulo encontra-se dividido em três partes, numa primeira parte explico a importância do meu diário de bordo, dos registos que fui fazendo que foram o resultado da minha observação (participante) na Casa da Juventude, pois é através desses registos que produzo um sentido para as minhas vivências enquanto estagiária, e dessa forma, na segunda parte deste capítulo dou conta de como foi o meu processo de entrada no meu contexto de estágio, alguns sentimentos que vivenciei quando entrei em contacto pela primeira vez com a Casa da Juventude de Gondomar; e numa terceira parte enuncio as várias actividades em que estive envolvida enquanto estagiária, bem como as aprendizagens e os ensinamentos que fui adquirindo ao longo de todo o processo de estágio para a construção da minha profissionalidade em Ciências da Educação.

2.1 – O diário de bordo

Ao longo do presente relatório tenho recorrido ao meu diário de bordo, às minhas notas de terreno, pois elas são um complemento essencial para fundamentar ainda mais este trabalho e todos os referenciais teóricos que tenho vindo e que ainda irei apresentar. A observação participante possibilitou, não fosse este trabalho sobre a experiência de um estágio, a participação e um conhecimento mais profundo da vida quotidiana da Casa da Juventude, das suas dinâmicas de trabalho e das suas rotinas, observando as pessoas e interagindo em situações que me permitiram ver como estas se comportam e que interpretação davam aos acontecimentos. A vantagem da observação participante reside mesmo aí, aceder aos significados que os indivíduos atribuem às situações, permitindo uma recolha de informação pormenorizada, e por isso, dos “relatos de situações na própria linguagem dos participantes, o que [me deu] acesso aos conceitos que são usados na vida de todos os dias” (Burgess, 1997: 86) pelas pessoas que frequentavam a casa.

Neste sentido, as notas de terreno constituem registos dos momentos de observação e participação das várias actividades e tarefas nas quais estive envolvida, de todos os momentos de escuta, das relações que fui construindo, do que fui observando dos espaços, dos quotidianos, das pessoas, dos gestos e dos diálogos. É sem dúvida um material que devo ter em conta para este trabalho, pois elas representam as vivências do meu estágio na Casa da Juventude de Gondomar, os momentos chave da minha

passagem por este contexto, designadamente, a minha integração, as minhas aprendizagens e dificuldades, e ainda, todas as emoções sentidas. São relatos daquilo que ia ouvindo, vendo, experienciando e pensando em determinados momentos, e nesse sentido, as notas de terreno que compõem o meu diário de bordo transformam-no num diário descritivo mas ao mesmo tempo reflexivo, pois assentam no meu ponto de vista, nas minhas ideias, pensamentos e preocupações (Bogdan e Biklen, 1994).

Todos os registos que fui fazendo são importantes contribuições para (re)descobrir novos olhares e interpretações, produzindo um novo conhecimento do processo vivido no estágio. As notas de terreno “...constituem um pequeno arquivo que pode dar conta da evolução do terreno, das perdas de «ingenuidade» e das opções que vão sendo tomadas. Deste modo, escrever notas de terreno é um processo de construção de sentido” (Silva, 2008: 134). Importa realçar que todos estes registos não têm como finalidade uma investigação ou uma pesquisa, mas antes dar a conhecer as vivências e experiências do estágio, evidenciando a minha integração num contexto profissional.

Assim sendo, estes registos escritos foram objecto de análise de conteúdo. Esta técnica de análise permite o tratar e organizar de forma metódica os dados recolhidos no contexto de estágio e que possam revelar alguma complexidade, permitindo o desenvolvimento de uma interpretação mais objectiva, afastando-me dos meus pré-conceitos e representações (Quivy & Campenhoudt, 2005). Apesar de ter realizado esta análise dos meus registos, não apresentarei neste trabalho nenhuma grelha de análise sob a forma de categorias, pois a finalidade deste trabalho é dar a conhecer as experiências pelas quais passei durante o meu estágio.

2.2 – A minha entrada no contexto de estágio

“No dia 23 de Outubro de 2009, por volta das 10 horas, como havia combinado com a minha supervisora local – Dr.^a Maria José Luz – dirigi-me para a Casa da Juventude de Gondomar (CJG), para que ficasse a conhecer o meu contexto de estágio. Este foi um dia de grande expectativa e nervosismo, pois estava bastante ansiosa por conhecer o local e as pessoas com quem iria “trabalhar” nos próximos meses. Em minha opinião, o momento do estágio é o momento mais aguardado por um estudante que está a finalizar o seu percurso académico, antes de entrar no mercado de trabalho. Neste sentido, o estágio é uma oportunidade para mostrarmos o nosso valor e as nossas aprendizagens, possibilitando construção de uma profissionalidade” (NT1: 23/10/09).

O estágio foi o momento que mais aguardei enquanto frequentava a licenciatura e mais tarde, quando decidi enveredar pelo mestrado em Ciências da Educação, pois muitas vezes me questionava a mim própria e aos meus colegas de curso o que realmente iríamos fazer na prática com todas as aprendizagens e todos os conhecimentos que fomos adquirindo enquanto estudantes; questionava-me muitas vezes, “será que irei aplicar tudo o que aprendi na prática?” ou “será que não, que todos estes saberes apreendidos não vão servir de nada para o contexto onde irei estagiar?” Foi com grande ansiedade que esperei que me informassem qual seria o meu destino, o meu contexto de estágio; e quando soube que iria para uma Casa da Juventude (a de Gondomar), senti um turbilhão de sensações, o meu primeiro pensamento foi “para uma Casa da Juventude? O que vou eu fazer para um contexto desses?”, mais tarde após ter reflectido no assunto, apaziguei os meus pensamentos, dizendo a mim mesma que iria tudo correr bem, que iria dar o meu melhor, e que a Casa da Juventude com certeza seria um contexto com potencialidades educativas onde eu poderia crescer enquanto profissional.

Com grande expectativa, ansiedade e algum nervosismo à mistura, fui conhecer o meu local de estágio pela primeira vez, sendo este o momento mais aguardado por mim, e julgo por qualquer estudante que esteja a terminar os seus estudos e deseje trabalhar na sua área de formação, possuir nem que seja por poucos meses um contacto, uma experiência com o mundo do trabalho. Contudo, tinha medo de falhar, de mostrar incompetência, tinha receio de não ser capaz, que o meu conhecimento não chegasse para fazer de mim a (boa) profissional que eu ambicionava tanto ser.

Neste sentido, foi no dia 23 de Outubro de 2009 que fui conhecer pela primeira vez a Casa da Juventude de Gondomar. Quando entrei pelo portão da CJG respirei fundo e segui em frente; do lado exterior deparei-me com um casa bastante agradável e bonita, quando entrei no interior da casa a minha supervisora local já estava à minha espera, apresentou-me, primeiramente, toda a casa, os espaços e alguns dos funcionários. Após as apresentações tivemos uma conversa onde esta me contou algumas vivências da Casa da Juventude de Gondomar.

“... Contou-me que muitas pessoas pensam que a CJ é um local tranquilo, no entanto, são pessoas que nada sabem sobre o que se passa realmente numa Casa da Juventude. Alguns dos jovens que passam pela Casa da Juventude de Gondomar são jovens bastante problemáticos, que têm muitas vezes comportamentos e atitudes muito agressivas e violentas; são jovens que não

lidam bem com o cumprimento de regras. A CJ sendo um espaço público está aberto a qualquer utente, contudo, é necessário que existam regras e que estas sejam respeitadas e cumpridas para um melhor funcionamento do espaço. São jovens que não lidam bem com o sucesso de outros jovens, e por isso, existe muita agressão entre eles e um grande sentimento de vingança (...). Por outro lado, os jovens tendem a frequentar a Casa da Juventude com mais assiduidade a partir da Primavera...” (NT1: 23/10/09).

Este foi o panorama com que me defrontei no primeiro dia em que fui conhecer a CJG, foi-me descrito um cenário nada agradável pela minha supervisora local (e coordenadora da casa), onde esta foi extremamente sincera, realçando a ideia de que a casa estava a passar por uma fase de transição e mudança, pois só estava a trabalhar naquele local há seis meses, e por isso muita coisa tinha mudado, especialmente as regras de funcionamento, e os próprios funcionários da casa estavam a (re) adaptar-se às suas (novas) funções. Apesar de todo este cenário sombrio, tive a sensação que poderia contar sempre com o apoio da minha supervisora local, e encarei este estágio como um desafio.

2.3 – As minhas actividades: uma trajectória repleta de aprendizagens e a construção de um “eu” profissional

Tendo presente, neste momento, um conhecimento mais esclarecido acerca das valências educativas que Casa da Juventude de Gondomar apresenta, torna-se importante realçar que as minhas intervenções neste contexto incidiram, maioritariamente, no Serviço de Animação e Dinamização Juvenil. Desta forma, o primeiro ponto a ser acordado no meu primeiro dia de estágio foi a questão do horário, e por isso, ficou acordado com a minha supervisora local que iria fazer o horário integral de uma funcionária “normal” da Casa da Juventude, ou seja, o meu horário seria das 9 horas às 17:30h, uma vez que também o serviço onde eu iria estar possui esse mesmo horário. A questão do horário foi sempre um assunto muito discutido na faculdade, pois foi-nos transmitida a importância de ganharmos ritmo de trabalho e termos a experiência de estarmos integrados no local como se fôssemos técnicos do contexto que nos iria acolher enquanto estagiários, ou seja, de apreender todas as vivências dos próprios profissionais, algo que seria importante para o nosso crescimento e para a

construção da nossa profissionalidade enquanto Mediadores Socioeducativos e da Formação.

Assim sendo, desenvolvi um conjunto de acções que passarei de seguida a enunciar e a descrever de forma clara; uma vez que as minhas tarefas foram diversas e heterogéneas, tentei agrupá-las por subtemas para um melhor entendimento, socorrendo-me de alguns excertos do meu diário de bordo para ilustrar todas as vivências e aprendizagens pelas quais passei e participei, enquanto estagiária na Casa da Juventude de Gondomar.

2.3.1 – Actividades desenvolvidas no SADJ

Foram várias as tarefas e as acções que desenvolvi no Serviço de Animação e Dinamização Juvenil (SADJ); foi neste espaço lúdico e didáctico que detive grandes aprendizagens e experiências, podendo perceber, na prática, qual a função dos profissionais neste contexto e o trabalho que é suposto realizar-se.

O público-alvo da Casa da Juventude é constituído por crianças, adolescentes e jovens que frequentam a escola, estes últimos frequentam, na sua maioria, cursos profissionais. Existem ainda, jovens que não têm qualquer ocupação, nem estudam nem trabalham. Grande parte das crianças, dos adolescentes e dos jovens apresentam problemas com a escola, pois não a consideram como um investimento, a isso se deve também o facto de muitos deles viverem em lares bastante difíceis. Neste sentido, estes frequentam a casa quando lhes apetece, não sendo a participação nas actividades desenvolvidas no SADJ obrigatórias, e por isso, o trabalho realizado neste serviço é muito marcado pela imprevisibilidade, embora haja um plano de actividades que deve ser seguido é, contudo, um trabalho que depende muito do estado de espírito da criança, do adolescente e do jovem no momento, da sua motivação, mas depende também da entrega, do esforço e empenho que o profissional que trabalha neste espaço emprega em todas as suas acções para que haja um sentido para o trabalho que desenvolve e para a própria instituição, que se pretende que seja um espaço formativo e educativo. Assim sendo, passo a enunciar todas as acções que desenvolvi neste serviço.

2.3.1.1 - *Actividades de expressão plástica*

As actividades de expressão plástica eram tarefas que eu desenvolvia com bastante frequência no SADJ, uma vez que as artes plásticas permitem explorar todo um conjunto de dimensões do ser humano, nomeadamente, a criatividade e o imaginário de cada indivíduo, bem como o espírito de cooperação e de trabalho em equipa. De acordo com o pensamento de Ander-Egg, as actividades de expressão artística favorecem o desenvolvimento das capacidades humanas, permitindo a descoberta de um conjunto de possibilidades expressivas, sendo o lado artístico “...algo que va más allá de lo estético: es um modo de formación y de afirmación de la propia personalidad. Y decimos que el arte va mucho más allá de la simple función estética, pues tiene una función cognoscitiva, comunicativa, formativa, y en ocasiones lúdica o hedónica. Siempre transmite una ideología y a veces es um médio de transformación social” (1989: 110).

“...é importante aprender tudo o que tenha a ver com artes plásticas, conhecer novos materiais e técnicas para que possa aprender o mais possível de como se dinamiza um espaço como o da Casa da Juventude, um contexto de lazer e educação não formal e informal” (NT21: 3/12/09).

Desta forma, aprendi imenso com as actividades de expressão plástica, pois não fazia ideia da existência de determinadas técnicas, nem tão pouco da existência de certos materiais (tintas, tecidos, madeiras, entre outros), e reconhecendo que eu não era particularmente uma pessoa com “jeito” para este tipo de actividades. A primeira actividade em que participei, e posteriormente desenvolvi, envolveu uma técnica designada *Quiling*.

“Ainda na parte da manhã, recebemos, inesperadamente, uma equipa de técnicos (uma Educadora de Infância, três técnicas de Serviço Social, uma Economista e um Psicólogo) que estão envolvidos num projecto em Rio Tinto, e que iriam ter uma formação de *Quiling*, na qual a Dra. Maria José Luz era a formadora e na qual eu participei também como formanda. Neste sentido, no que refere à formação podemos dizer que o *Quiling* é a arte em papel, é uma actividade que necessita de uma agulha própria para o *Quiling* e de tiras bastante finas de papel, originando trabalhos pormenorizados e muito bonitos. É uma técnica muito praticada no Brasil e desconhecida em Portugal. A Dra. Maria José Luz nesta actividade propôs, após termos aprendido o básico, que cada um fizesse um postal em *Quiling*. No final, foram tiradas fotografias do trabalho de cada um, recebendo ainda um certificado de participação. Esta foi uma actividade muito interessante, pois permite que a nossa criatividade e imaginação flua, podendo ser divertido para ensinar a crianças e jovens a

fazerem postais de Natal, de Páscoa, do dia da mãe ou do pai, etc.” (NT2: 6/11/09).

A formação foi algo que esteve sempre presente ao longo de toda a minha permanência na Casa da Juventude, uma vez que antes de desenvolvermos actividades que envolvam técnicas novas é necessário irmos à procura de formação, e nesse sentido, sempre que existiam formações na casa eu participava como formanda, sendo importante para mim e para o desenvolvimento das minhas tarefas dominar as técnicas que aprendia para depois ter competência para conceber actividades com as crianças, adolescentes ou jovens; vários eram também os profissionais do Município de Gondomar que participavam nestas formações, pois eram-lhes úteis para o exercício das suas profissões.

Para além do *Quiling* uma das minhas tarefas enquanto estagiária foi a realização de dois grandes cartazes relativos à arte portuguesa do século XX, uma vez que nos meses de Novembro e Dezembro de 2009, a arte era o tema a ser trabalhado no SADJ.

“...colei-os numa das paredes da sala didáctica para que todas as pessoas que lá passassem pudessem ver. Estes cartazes que contêm a vida e a obra de alguns pintores irão servir como ponto de partida para que seja trabalhado o tema da arte na Casa da Juventude, e que se possam desenvolver algumas actividades. Estive ainda a decorar, juntamente com a Dra. Maria José Luz o espaço didáctico, espalhando pela sala alguns cavaletes, bem como alguns livros de arte, para dar um ar mais artístico à sala, motivando crianças e jovens a participar nas actividades que iremos desenvolver”. (NT19: 30/11/09)

Uma vez que a arte era o tema a ser trabalhado, a Casa da Juventude promoveu uma outra acção de formação intitulada “Oficina do Desenho”, e que decorreu no espaço lúdico. Mais uma vez participei nesta acção enquanto formanda, com os profissionais de algumas instituições educativas do concelho de Gondomar. Esta acção de formação foi dada por um professor de Belas Artes, que nos transmitiu alguns conhecimentos básicos do desenho, nomeadamente, como pegar num lápis, numa borracha, como desenhar através de várias perspectivas ou ângulos; todo este conhecimento contribui bastante para o meu processo de aprendizagem, uma vez que o trabalho no SADJ incide muito na arte manual.

O Natal foi uma época marcada pelo desenvolvimento de diversas actividades de expressão plástica, destacando aqui a realização de um presépio e da decoração de Natal.

“Hoje iniciei o meu dia de estágio com a Dra. Maria José a ensinar-me como se faz as personagens do presépio usando apenas folhas de jornal e fita-cola. Uma vez que estamos numa época natalícia, é importante dar um ar festivo à Casa da Juventude com algo que seja alusivo ao Natal ...” (NT20: 2/12/09)

Para a decoração de Natal do SADJ fizemos um presépio bastante original; este presépio foi concebido com a ajuda de algumas crianças e adolescentes que frequentam a Casa da Juventude; construímos todas as personagens do presépio, recorrendo a folhas de jornal amachucadas e fita-cola, dando forma à cabeça e ao corpo dos bonecos, para posteriormente, os pintarmos e vestirmos. É um trabalho bastante moroso, pois é necessário estarmos atentos a todos os pormenores, dando um toque pessoal a cada boneco para que o caracterize e o identifique com as personagens que compõem o presépio.

“Já tínhamos realizado o presépio, que estava no jardim, mas devido ao mau tempo colocamo-lo na sala didáctica; tínhamos feito uma árvore de Natal nada convencional, contudo, faltava algo mais para que o espaço didáctico transmitisse um ambiente característico do Natal. Assim sendo, pintamos algumas árvores de Natal para pendurar no tecto, fizemos ainda umas letras para colocar numa das paredes a dizer “Boas Festas”. A árvore de Natal que estava na recepção passou também para a sala, ficando ao lado do presépio. O espaço didáctico ficou com uma decoração mais propícia à época em que estamos, o Natal” (NT28: 15/12/09)

Todas as técnicas que tive oportunidade de aprender permitiram que, posteriormente, fosse eu desenvolvê-las com crianças, adolescentes e jovens que frequentam a Casa da Juventude.

“...estive no espaço didáctico com Dra. Maria José; a Vanessa esteve-nos a ensinar a técnica de encaustica. Esta é uma técnica de pintura, na qual podemos misturar várias cores com cera aquecida ou derretida; podemos aplicar a cera em pratos de vidro por exemplo, pois a cera é resistente, podemos ainda, através das cera delinear alguns desenhos com a ponta de um ferro próprio para esta técnica. Também a Dra. Maria José nos ensinou a técnica do guardanapo; esta técnica consiste na aplicação de motivos recortados de guardanapos, em objectos que queremos decorar, por exemplo em peças de madeira, molduras, pratos, tecidos, caixas de cartão, etc. Eu e A. aplicamos a técnica do guardanapo a uma caixa de chá, na qual tivemos que a desmontar e virar do “avesso”, para poder colocar o motivo que escolhemos e depois pintar com uma pequena esponja” (NT29: 16-12-09).

“Na manhã do dia 22 de Dezembro de 2009, consegui juntar um grupinho para fazer uma actividade com a técnica do guardanapo. Reparei que os mais novos

não ligam à playstation. Aproveitei esse facto, juntando então um pequeno grupo de 4 pessoas para que estes pudessem fazer uma caixa, recorrendo à técnica do guardanapo para oferecerem a alguém da sua família. Estes ficaram contentes, pois queriam fazer alguma coisa interessante e gira. Então ensinei-os como se pode fazer uma caixa de jóias, um porta lápis, entre outras coisas, de forma muito simples, utilizando os desenhos de Natal dos guardanapos” (NT32: 22-12-09).

Outra época que marcou a Casa da Juventude, e por conseguinte o meu trabalho enquanto estagiária foi a época de Carnaval, mais uma vez porque é no período das férias da escola que a casa fica com mais afluência.

“Na parte da tarde, estive a fazer uma máscara de carnaval, ao estilo das máscaras de Veneza, mas recorrendo à técnica do balão e do jornal. Uma vez que o balão está repleto de jornal e cola branca, estando completamente endurecido e seco, foi altura de o cortar ao meio para se fazer uma máscara. Assim, cortou-se com uma tesoura apenas os o formato dos olhos, e com massa modular, demos forma à máscara, fazendo um nariz e uma boca. O L.M. voluntariou-se ainda para servir de modelo para a realização de uma outra máscara de carnaval, mas agora recorrendo à técnica da ligadura de gesso, onde toda a sua face foi tapada, à excepção dos olhos e do nariz. No final retiram-se todas as ligaduras, que quando secam ficam endurecidas ficando com o formato da face do L.M. Ao final da tarde também apareceu a A., que de imediato se dispôs a ajudar na realização das máscaras, tirando fotografias durante o processo” (NT48: 19-01-10).

Mais uma vez tive a oportunidade de participar numa acção de formação para ficar a conhecer melhor esta técnica.

O projecto educativo para 2010 da Casa da Juventude de Gondomar é trabalhar o livro em todas as suas dimensões, particularmente as obras do autor José Jorge Letria, e por isso, uma das actividades que fazia diariamente com algumas crianças e adolescentes era a actividade a que denominei “actividade das receitas malucas”.

“...esta actividade consiste na realização de um pequeno livro, no qual os participantes escolhem uma receita de “O livro das receitas malucas”, da autoria de José Jorge Letria. Os participantes lêem a receita, fazendo alguma coisa divertida com ela, como uma rima, contar a história de maneira diferente, fazendo depois um desenho alusivo ao que escreveram; temos como intuito depois convidar o autor José Jorge Letria e mostrar o livro realizado pelos meninos e meninas da Casa da Juventude de Gondomar” (NT45: 14/01/10).

Esta era uma actividade que muitas vezes as crianças e os adolescentes não estavam receptivos a fazer, pois habitualmente, e em especial os adolescentes, tendem a rejeitar tudo o que seja semelhante ao trabalho escolar, e nesse sentido, a negociação teve um

papel fundamental para que estes participassem nesta actividade, tendo eu o papel de os motivar e orientar para a realização da actividade.

“Foi uma manhã muito tranquila, apenas apareceu o L. S. para jogar o seu habitual jogo de playstation (PES); contudo como este ainda não tinha participado na actividade do livro das receitas malucas, propus-lhe que por volta das 10 horas fizéssemos a actividade, este não se opôs e disse que participaria. Achei curioso que por volta das 10h menos 5m, o L. S. se levantasse para fazer a actividade; fiquei surpresa pois pensei que ele se fosse esquecer ou que eu tivesse que voltar a insistir com ele para fazer actividade, o que não aconteceu. Este realizou a actividade pedida com grande criatividade. É importante nestes contextos como é a Casa da Juventude, onde as actividades não são obrigatórias, negociarmos com as crianças, adolescentes ou jovens, não impondo nada mas antes negociando” (NT46: 15/01/10).

Neste tipo de actividades a minha função para além de orientar é também a de vigilância, de supervisão, de manter a ordem e gerir da melhor forma aquilo que são os gostos dos utentes e aquilo que é proposto por nós. Por vezes, quando há várias actividades a decorrer e muitos utentes, é necessária uma boa gestão do espaço, dos materiais e das actividades para que tudo corra pelo melhor, uma vez que as crianças e os adolescentes têm alguma dificuldade em levar as actividades até ao fim, por outro lado, paradoxalmente, têm também a tendência em querer fazer tudo ao mesmo tempo, e por isso, a ordem e a gestão são elementos fundamentais quando trabalhamos com o publico infanto-juvenil.

“...hoje como é Sexta-feira muitos miúdos não têm aulas de tarde, e por isso, a meio da tarde começaram a chegar vários miúdos, como o L. M., a A., a B. e o H. Tive hoje a oportunidade de conhecer o H. pois ainda não o conhecia. Este é um miúdo de 10 anos, muito cómico e divertido, que diz que quer ser comediante quando for grande. Com este grupinho gerou-se um ambiente bastante divertido, todos quiseram ajudar no trabalho que eu estava a fazer com os balões, mas como eram muitos, decidi que uns iam fazendo a actividade do balão enquanto outros faziam a actividade do livro das receitas malucas, e depois trocavam. Deste grupo saíram ideias muito criativas, originais e divertidas. Foi um dos dias que mais gostei de estar na CJ, que mais me deu prazer (...) por aquele ambiente fantástico proporcionado por aqueles miúdos...” (NT46: 15-01-10).

2.3.1.2 - *Dinamização de actividades para grandes grupos*

O Serviço de Animação e Dinamização Juvenil recebia com alguma frequência grupos convidados de crianças, adolescentes e jovens para a participação em algumas actividades, na sua maioria de expressão plástica. Estes grupos convidados eram em alguns casos turmas de escolas e jardins-de-infância do município de Gondomar, que solicitavam a Casa da Juventude para conhecer o espaço, e nesse sentido, sempre que temos grupos a visitar a casa, é da responsabilidade de quem dinamiza o espaço lúdico preparar uma actividade de acordo com os temas previstos a serem trabalhados no plano de actividades. Em outros casos, a própria Casa da Juventude convidava algum grupo para participar em determinada actividade, habitualmente, eram convidadas turmas de jovens que frequentavam cursos profissionais. Esta opção pela escolha de jovens de cursos profissionais, deve-se ao facto de a coordenadora da casa considerar que as actividades promovidas pela casa seriam um complemento e uma mais-valia para a sua formação escolar.

Desta forma, estando eu a estagiar neste serviço (no espaço didáctico), era da minha competência dinamizar e orientar actividades para grandes grupos. Geralmente, era eu quem preparava a sala para receber o grupo, pois muitas vezes é necessário proceder a algumas mudanças no espaço físico para que a actividade decorresse com o maior conforto possível. Para além da preparação da sala, eu tinha como tarefa preparar todos os materiais que seriam necessários para determinada actividade, no entanto, todas estas tarefas eram sempre desenvolvidas com a orientação da minha supervisora local.

“Iniciei o meu dia de estágio a preparar uma actividade para um grupo de 24 crianças de 3 anos que iremos receber no início do mês de Fevereiro. Tendo em conta que são crianças muito pequenas, pensamos preparar algo que seja mais visual e ao mesmo tempo divertido. Neste sentido, fomos buscar inspiração a uma das receitas do livro das receitas malucas (espetada de lolas), do autor José Jorge Letria, onde iremos construir 24 mini marionetes de dedos, as quais chamamos as “lolas dançantes”, tendo como objectivo criar um ambiente leve e divertido” (NT47: 18/01/10).

É necessário, sempre que preparamos uma actividade ter em consideração a faixa etária do grupo que vamos receber, pois não é igual desenvolver e dinamizar uma actividade para crianças, para adolescentes ou para jovens. No pequeno excerto acima citado, a actividade a ser desenvolvida era dirigida para um grupo de crianças muito pequenas que vinham acompanhadas por educadoras de infância (e auxiliares da

educação) que solicitaram a Casa da Juventude para uma visita. Recordo-me de ter conversado bastante com a minha supervisora para o desenvolvimento desta actividade, uma vez que este era um grupo de crianças tão pequenas, e sendo a Casa da Juventude um espaço que se supõe direccionado a grupos com idades mais avançadas, o ideal seria mesmo receber jovens, contudo, não era o que acontecia. Neste sentido, o importante é passar sempre uma boa imagem da instituição para que as pessoas tenham o desejo de voltar mais tarde.

Assim sendo, quando desenvolvemos actividades, especialmente, com crianças, devemos estar preparados para qualquer imprevisto, sendo importante ter uma actividade preparada e mais uma ou duas alternativas.

“Para a manhã do dia de hoje estávamos à espera de uma turma de meninos dos 3 e 4 anos do Centro Social de Soutelo que vinham para a actividade da hora do conto, que consistia em ser contada uma história do livro das receitas malucas de José Jorge Letria, e a história escolhida foi a “Espetada de Lolas”, na qual chegamos a fazer uma lola para cada participante, bem como para as educadoras e auxiliares. Estava bastante nervosa nesse dia pois seria eu que contaria a história às crianças, e estava muito insegura porque não me tinha preparado, nem nunca tinha contado uma história a crianças, pois parte-se do princípio que iremos contar a história e interpretá-la de forma divertida para que chame a atenção das crianças. Quando as educadoras, as auxiliares e as crianças chegaram já tínhamos a sala preparada para que todos estivessem confortáveis. Ao começar a história todos estavam muito atentos, á medida que ia lendo, ia-lhes fazendo perguntas, para saber se estavam com atenção, e se estavam a gostar...” (NT51: 22/01/10).

Na passagem acima mencionada, é evidente o nervosismo que sentia para a actividade a ser desenvolvida nesse dia, pois nunca tinha contado uma história, não estando preparada para a contar, contudo, mais uma vez, em qualquer contexto profissional devemos contar sempre com o factor surpresa e com os imprevistos, e ultrapassá-los da melhor forma possível. Apesar de ter tentado interagir com as crianças enquanto contava a história, quando a terminei tive a sensação que podia ter feito melhor, ter contado a história com mais emoção e mais dramatismo, contudo, certas práticas vão melhorando com as experiências e as aprendizagens que vamos tendo.

Uma outra actividade em que tive uma participação mais activa, foi uma actividade mais uma vez dirigida a um grande grupo de crianças muito pequenas.

“No dia 12 de Fevereiro de 2010, a Casa da Juventude de Gondomar recebeu pela manhã um grupo 33 de crianças com idades compreendidas entre os 3 e os

5 anos. Este grupo veio juntamente com as educadoras e auxiliares conhecer a CJ e fazer uma actividade, que consistia na realização de uma máscara de carnaval, que tinham que cortar e pintar. No entanto, esta actividade revelou-se um pouco difícil, pois as crianças eram demasiado pequenas e a maioria não conseguia pegar numa tesoura para cortar a máscara; muitas delas nem sequer conseguiam pintar. Nesse sentido, eu, a Dra. Maria José e a Tatiana (funcionária) tivemos que cortar as máscaras e ajudar a pintar; as educadoras e auxiliares limitavam-se a olhar para nós (...) enquanto uns iam terminando as suas máscaras, outros já tinham terminado e por isso, decidi contar uma história para aqueles que tinham já terminado, pois como crianças que são, estavam sempre agitados e a mexer em tudo que viam. Foi engraçado porque quando disse que lhes ia contar uma história eles ficaram todos contentes; a história por eles escolhida foi a do Capuchinho Vermelho, à medida que ia lendo ia fazendo perguntas, para que pudessem interagir comigo, se limitando apenas a ouvir a história” (NT66: 12/02/10).

No dia desta actividade tive um pequeno “desentendimento” com uma das educadoras que acompanhavam o grupo de crianças, pois notei que algumas delas não conseguiam pegar num lápis para pintar a sua máscara de Carnaval e muito menos pegar numa tesoura para cortar, e nesse sentido, uma vez que algumas crianças (as maiores) apresentavam competências para pintar e cortar mais desenvolvidas do que outras, tomei a iniciativa que quando acabassem a sua máscara ajudassem os colegas com mais dificuldades. Contudo, uma das educadoras mostrou-se desagradada com a ideia, argumentando que cada criança devia fazer como soubesse. Confesso que naquele momento fiquei abismada com tal atitude, perguntando-me a mim mesma como é que uma profissional destas consegue transmitir e inculcar valores de solidariedade, cooperação e espírito de equipa às crianças, não admirando que muitas delas se fechem no seu próprio mundo e se tornem cada vez seres mais individualizados.

De todos os grupos que recebi, enquanto estagiária na casa da Juventude de Gondomar, um dos momentos que para mim teve especial importância foi quando recebemos a visita de um grupo de jovens de Santa Maria da Feira. Esta visita teve na base uma ideia minha e de um colega que está a estagiar na Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, ou seja, fazermos uma espécie de intercâmbio de Casas da Juventude.

“Este era um dia importante para mim, pois a casa iria receber um grupo de jovens de Santa Maria da Feira que frequentam a Oficina das Ideias, que é um espaço para os jovens, muito semelhante à CJ, contudo é um espaço menor. Esta Oficina integra o projecto desenvolvido pela Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, designado Direitos & Desafios, onde o meu colega Paulo Ferreira está neste momento a estagiar. Neste sentido, sendo este intercâmbio entre a Casa da

Juventude de Gondomar e esta Oficina das Ideias uma iniciativa nossa (minha e do meu colega) queria que tudo corresse bem. Assim, iniciei o meu dia de estágio a preparar a sala lúdica para a actividade que os jovens de Santa Maria vinham fazer, deixando o espaço o mais confortável possível, com todos os materiais necessários à disposição para que a actividade corresse pelo melhor” (NT68: 15/02/10).

Este grupo para além de conhecer a casa veio realizar uma actividade, uma vez que era véspera de Carnaval, cada jovem e cada técnico que acompanhou o grupo fez uma máscara de carnaval ao estilo de Veneza. Contudo, mais do que enfatizar a actividade desenvolvida que correu bastante bem, gostaria de dar relevância ao convívio entre os jovens de Santa Maria da Feira e as crianças e adolescentes da Casa da Juventude.

“No final da actividade, todos tinham as suas máscaras prontas, e foram para o bar lanchar, pois tinham trazido lanche. Juntamo-nos todos no bar, também os miúdos da Casa da Juventude de Gondomar lancharam, tornando este lanche um momento de grande convívio entre os jovens e os técnicos de Santa Maria da Feira e os nossos. Foi interessante que os nossos miúdos estavam a jogar matraquilhos e partilharam, jogaram em conjunto com os jovens de Santa Maria. No momento do lanche, uma das técnicas ia-me fazendo imensas perguntas sobre a CJ e o seu funcionamento, tinham curiosidade em saber o tipo de trabalho que realizávamos, se tínhamos muita gente a frequentar a casa, que tipo de funcionários trabalham na casa, etc (...) Fazendo um balanço desta visita, penso que tudo correu bastante bem, não só pela actividade, mas essencialmente pelo convívio que naturalmente aconteceu entre os miúdos da CJ e os jovens de Santa Maria da Feira...” (NT68: 15/02/10).

2.3.1.3 - O jogo

O jogo revelou-se ao longo da minha permanência na Casa da Juventude como uma peça fundamental no trabalho que ia realizando e nas interacções que fui desenvolvendo com crianças, adolescentes e jovens da casa. Estando num espaço privilegiado, na minha opinião, de educação não formal e informal, o jogo adquire uma grande importância, uma vez que não devemos entender o jogo como sendo apenas uma forma de entreter crianças, adolescentes ou jovens, mas antes tentar ir mais além e perceber a sua dimensão educativa e formativa, pois “...todo juego expresa un sistema más o menos coherente de valores, ideas y expresiones que tienen su significación o vertiente cultural” (Ander-Egg, 1989: 122).

“...tive uma conversa interessante com a Dra. Maria José sobre a importância do jogo nestes espaços; tenho-me apercebido de como o jogo pode ser importante, e nós como técnicas de educação não devemos encarar o jogo pelo jogo mas ir mais além, ter uma preocupação educativa, pois o jogo fomenta o espírito de solidariedade entre todos os participantes, o espírito de equipa, o convívio, faz com que tenhamos consciência de que existem regras que precisam de ser cumpridas, não porque nos apetece, mas porque é o melhor para que as coisas funcionem bem” NT70: 18/02/10).

Desde o início do meu estágio foi-me explicado que sempre que alguma criança, adolescente ou jovem me solicitasse para jogar um jogo, seja de playstation ou de tabuleiro, eu poderia e deveria jogar, sem contudo esquecer a supervisão do espaço didático, devendo estar sempre alerta a tudo o que me rodeia. Assim sendo, foram vários os jogos que joguei, os quais destaco a importância de jogos como o Monopólio e o Cluedo que apelam muito ao estímulo da capacidade de raciocínio, e ainda, jogos como o Scrabble e o Trivial Pursuit; o primeiro é um jogo que permite desenvolver a capacidade de formar palavras com sentido, sendo um jogo benéfico para quem tenha dificuldades ao nível da Língua Portuguesa; e o segundo jogo apela muito ao desenvolvimento da cultura geral. No que diz respeito aos jogos de playstation enfatizo jogos como o Sing Star, onde por vezes fazíamos equipas ou competíamos individualmente uns contra os outros, passando momentos extremamente agradáveis e cómicos.

Desta forma, o jogar jogos fazia parte das minhas “tarefas” quotidianas; faço uso da palavra tarefa, pois jogar jogos não sendo apenas uma forma de entreter, requer bastante paciência e tolerância, pois muitas crianças e adolescentes tendem a ser bastante competitivos uns com os outros, não aceitando, por vezes as regras do jogo, bem como o facto de perder, querendo ganhar sempre. A intencionalidade educativa que tentava fazer passar sempre que se jogava um jogo, era o que distinguia uma simples actividade de jogar o jogo pelo jogo como forma de entretenimento, e o ir mais além e perceber que potencialidades o jogo poderia ter, em quê que poderia beneficiar concretamente aquelas crianças, adolescentes ou jovens.

O jogo como já referi foi uma estratégia na qual me apoiei para conseguir estabelecer uma relação de proximidade com as crianças, mas especialmente com os adolescentes, que muitas vezes tendem a fechar-se no seu próprio grupo, não permitindo que ninguém entre nele.

“...apareceram na CJ os gémeos e trouxeram desta vez dois amigos (um rapaz e uma rapariga) que não conheciam a CJ. De imediato quiseram jogar o jogo Singstar, aliás eu chamou-os “o terror do Singstar”, e eles acham bastante piada. Também eu e a A. nos juntamo-nos a eles para cantar, fazendo uma espécie de competição do Singstar. O facto de eu me juntar a eles, cantando também foi um momento bastante divertido e cómico, pois acho que é importante tentar chegar a estes adolescentes através do mundo deles, que neste caso é a playstation” (NT29: 16/12/09).

Os jogos de playstation eram muito requisitados na Casa da Juventude na maioria das vezes pelos adolescentes; se os jovens nem sequer entravam no espaço didáctico, os adolescentes apenas iam com o intuito de jogar playstation, não querendo participar nas actividades que lhes propúnhamos, passando todo o seu tempo “agarrados” à playstation. Neste sentido, o jogo foi uma forma de estabelecer relações com os próprios jovens, que preferiam estar no Espaço Internet ou jogar bilhar passando pouco ou nenhum tempo no espaço didáctico.

“...eu e a Tatiana estivemos toda a manhã a jogar Uno, não só com os mais pequenos mas também com os jovens, que quiseram jogar connosco; e mais uma vez conseguimos juntar um grupo de várias idades em torno de um só jogo. Cada vez mais os jovens tomam a iniciativa em querer jogar um jogo (que não o bilhar) não só com os funcionários mas também com os mais novos, não tendo aquela preocupação de pensar que os jogos são apenas para miúdos. Penso que o que permite que juntemos várias idades, e estando eu a observar e a participar activamente no jogo, consigo tirar aprendizagens muito grandes desses momentos, tendo sempre uma preocupação educativa em tudo o que faça, especialmente nos jogos” (NT70: 18/02/10).

2.3.1.4 - Apoio ao estudo

O apoio ao estudo era uma das tarefas que também desempenhava com regularidade, uma vez que as crianças e os adolescentes tinham liberdade para trazerem os seus trabalhos de casa para fazerem no espaço didáctico. Na maioria das ocasiões em que fiz apoio ao estudo eram de crianças do 4º e do 5º ano de escolaridade, contudo, cheguei a apoiar, por algumas vezes, uma adulta que estava a tentar acabar o 4º ano de escolaridade.

“Um pouco mais tarde apareceu a Sra. E. para a correcção e realização dos seus trabalhos de casa. Coube-me a mim auxiliar a Sra. E; esta tem dificuldades na Matemática, mas tem ainda mais na Língua Portuguesa, na escrita e na

interpretação de textos. Esta é uma das funções de quem está no espaço lúdico, auxiliar crianças e os adolescentes nos trabalhos de casa, por vezes aparecem pessoas como a Sra. E. que demonstram grande esforço e vontade para melhor os estudos e aumentar os seus conhecimentos, apesar de todas as dificuldades que apresenta” (NT5: 11/11/09).

Por vezes muitas crianças chegavam da escola com a mochila e vinham directas para a Casa da Juventude, e ainda assim não faziam os trabalhos de casa, tendo eu o papel de as incentivar a fazer os TPC’S. Notava que algumas crianças tinham mais dificuldades que o normal, recordo-me particularmente de um caso de um menino de 10 anos que estava no 5º ano de escolaridade, e frequentava o ensino especial, pois apresentava muitas dificuldades de aprendizagem; este frequentava a Casa da Juventude com grande regularidade, não querendo participar nas actividades propostas, pensando apenas em jogar playstation, nutrindo um sentimento pela escola bastante negativo. À partida poderia não me preocupar com esta situação, quem não quer trazer os trabalhos de casa não traz, contudo, comecei a perceber que este era um miúdo que não tinha grande estímulo intelectual em casa, pois os seus pais mal sabiam ler e escrever, e os irmãos apresentavam precocidade de abandono escolar. Neste sentido, tentei incentivar (não só eu como alguns dos técnicos da Casa da Juventude) este miúdo para trazer a mochila com os livros e cadernos e fazer os TPC’S na CJ. A princípio mostrou uma grande resistência, mas eu também não desisti, insistindo cada vez mais. Este chegou a um ponto que trouxe a mochila e fez os trabalhos de casa, tornando-se esta prática regular, até que num dos dias, este menino terminou os trabalhos de casa e no final fez uma questão que me permitiu ver que eu estava a seguir o caminho correcto.

“...no final, perguntou-me: “Andreia, fiz um bom trabalho não fiz?”, e eu de imediato respondi que estava muito contente por ele ter feito os trabalhos de casa todos e que tinha feito um bom trabalho. O L.M. não tendo ninguém em casa que o estimula, vê nos técnicos da CJ um apoio, recebendo uma atenção que em casa este menino parece não ter” (NT48: 19/01/10).

Ao longo do tempo ia percebendo que este menino não tinha o apoio que precisava da professora, pois se uma professora não estima o facto de um aluno fazer ou não fazer os trabalhos de casa, sendo-lhe indiferente, para quê que o aluno se vai dar ao trabalho de os fazer? O L.M. ao fazer-me a pergunta “*Andreia fiz um bom trabalho?*”, queria sentir-se reconhecido pelo seu esforço, sentir-se apreciado, e ter alguém que se preocupa com o que ele faz. O facto de eu me preocupar com este menino, e ele sentir que eu

ficava contente com o bom trabalho que desempenhava, foi um estímulo para este continuar a realizar os trabalhos de casa. Penso que o estimular as pessoas para a realização de alguma coisa, e procurarem um sentido para si no que estão a fazer, é algo que um profissional só consegue alcançar se tiver uma boa formação de base, e nesse sentido, penso que a minha formação em Ciências da Educação me deu ferramentas para que pudesse promover o empoderamento⁹ das pessoas, isto é, promover uma autonomia com sentido.

2.3.1.5 - Trabalho de pesquisa e elaboração de documentos

O trabalho de pesquisa era uma das tarefas que exercia grande frequência não só para ter um conhecimento mais profundo acerca das actividades a serem desenvolvidas, mas também para a própria elaboração dos materiais necessários para o desenvolvimento dessas mesmas actividades. São exemplos um plano que realizei com as datas comemorativas (nacionais e internacionais para o ano de 2010), isto para termos uma ideia em que dia se festejaria o dia mundial do livro, do teatro, da família, entre outras datas, para posteriormente serem preparadas actividades tendo em conta esses dias festivos. Esta pesquisa dos dias comemorativos que se festejam em Portugal no ano de 2010 revelou-se uma ajuda, pois tive a oportunidade de participar na concepção do Plano Anual de Actividades das Casas da Juventude e de Rio Tinto.

“Neste plano irá constar todas as actividades propostas e todos os temas que irão ser trabalhados ao longo de todo o ano de 2010. Fiquei satisfeita que a Dra. Maria José me tenha proposto esta tarefa, pois é uma forma de eu participar ainda mais nos assuntos da casa, e nada melhor que comece no plano de actividades (...), podendo dar a minha opinião sobre temas e actividades que considero interessantes para serem trabalhos com crianças, adolescentes e jovens” (NT23: 7/12/09).

Desta forma, tive a oportunidade de aprender como se concebe um plano de actividades, sendo que este não é um mero plano descritivo de todas as actividades, nele estão explícitas as intenções educativas para a realização das actividades e os objectivos

⁹ Isabel Menezes na sua obra “Intervenção comunitária: uma perspectiva psicológica” (2007), faz referência a este conceito de empoderamento, definindo-o como um processo pelo qual os sujeitos, organizações e instituições aprendem a ganhar controlo sobre as suas vidas, para participarem de forma mais activa na vida das suas comunidades.

que a instituição pretende alcançar, tendo em vista um enriquecimento cultural da comunidade do município de Gondomar, particularmente, dos jovens. Assim, tendo a Casa da Juventude de Gondomar como projecto para este ano de 2010 trabalhar o livro, mais concretamente, algumas das obras do autor José Jorge Letria, tive a tarefa de pesquisar e depois redigir para esse plano tudo o tivesse a ver com o livro, e com os temas a serem trabalhados na casa relacionados com as obras do autor anteriormente mencionado, sendo por isso, necessário ter um conhecimento dessas mesmas obras. Tive ainda oportunidade de ir dando os meus contributos para o desenvolvimento das actividades.

Uma outra tarefa que me competia era sempre que a Casa da Juventude recebia grupos convidados para acção de formação e sensibilização. Geralmente, fazia algumas pesquisas de frases que fossem apelativas e que estivessem de acordo com o tema a ser trabalhado para a sessão, podendo, por ventura, ser um ponto de partida para a discussão do tema.

Enquanto estagiária tive ainda a possibilidade de realizar uma acta de uma reunião que assisti e participei entre os elementos que compõem a equipa de trabalho da Casa da Juventude de Gondomar.

“...assisti a uma reunião de equipa, que tinha como finalidade a coordenadora da casa e todos os funcionários exporem os seus problemas relacionados com o trabalho. A Dra. Maria José foi quem mais falou, e apesar de dar a palavra a todos os outros funcionários praticamente ninguém se pronunciou. Também eu tive oportunidade de falar, falando daquilo que me fazia mais confusão ao início e que agora estou completamente enquadrada com a política e o funcionamento da casa. A Dra. Maria José Luz encarregou-me de fazer a acta, pelo que quando a reunião acabou tive de a escrever a computador para que todos tomassem conhecimento e pudessem assinar. Foi importante assistir a esta reunião, percebendo de um modo geral as coisas que se passam na casa, e de como a posição de chefe pode ser muito ingrata, pois quem chefia tem que obrigatoriamente falar daquilo que está bem, mas fundamentalmente, daquilo que está menos bem. Assistir às reuniões de equipa foi importante para mim, enquanto estagiária, pois estou numa fase de aprendizagem e de descoberta da minha profissionalidade, para num futuro próximo estar preparada para enfrentar situações destas” (NT47: 18/01/10).

Como se torna evidente a partir da leitura deste pequeno excerto acima citado, após ter assistido e participado nesta reunião, na qual eu pude expressar a minha opinião, dizendo o que tinha sido mais complicado para mim e o que fazia mais confusão quando iniciei o meu estágio; a integração é sempre algo complexo, pois temos que apreender e

interiorizar todo o funcionamento, os ritmos e as dinâmicas de uma instituição, no entanto, com o tempo tudo se torna uma questão de hábito. Nesta reunião tive ainda o papel de relatar numa folha tudo o que de relevante se ia dizendo acerca dos pontos positivos e negativos do trabalho que estava a ser desenvolvido por todos os funcionários da casa, e aqui ficou patente a hierarquia existente, onde o chefe aparece sempre como sendo o “mau da fita”, pois é ele quem tem o papel de enfatizar o que está menos bem, levando por vezes a algumas animosidades. Os níveis hierárquicos são algo com que temos de nos familiarizar, pois estão presentes em qualquer contexto de trabalho, e até mesmo na nossa vida quotidiana. Neste sentido, fiquei encarregue de realizar uma acta, tarefa esta que nunca tinha desenvolvido, o que se revelou à primeira vista difícil; em primeiro lugar, fiquei surpreendida com este desafio de ser eu a realizar a acta, e em segundo lugar, de a redigir de forma clara evidenciando os pontos mais relevantes que foram abordados na reunião, contudo, foi mais um desafio, no qual eu retirei mais uma aprendizagem para a minha (futura) vida profissional.

2.3.1.6 - Participação na organização de eventos formativos

Enquanto estagiei na Casa da Juventude de Gondomar, tive a oportunidade de participar na organização de alguns eventos que de alguma forma deram visibilidade à instituição. Destaco dois momentos, um deles foi o aniversário de 5 anos da Casa da Juventude, no qual participei activamente na sua preparação e organização. A CJG comemorou o seu aniversário durante uma semana intitulada “*Juventude: novas abordagens*”, tal como o próprio nome indica, foi uma semana dedicada à juventude, onde foram abordados temas pertinentes e de grande interesse para os jovens. Tendo em vista criar um ambiente não muito formal, para que os jovens pudessem ter suficiente à vontade para participarem activamente nas sessões dinamizadas, para isso foram convidadas turmas de alguns cursos profissionais pertencentes ao município de Gondomar.

Neste sentido, a primeira sessão denominada “*Sou jovem, terminei a minha formação e agora?*”, sessão esta dinamizada pela Dra. Helena Loureiro, psicóloga da Comissão de Protecção de Crianças e Jovens de Gondomar, tinha como objectivo dar a conhecer aos jovens que opções têm e que caminhos podem seguir quando terminam a

sua formação escolar. A segunda sessão designada “*Jovens criativos – Acção de formação em bonecos de trapilho*”, foi dinamizada pela coordenadora da CJ de Rio Tinto, Dra. Paula, e tinha como intuito apelar à criatividade e imaginação dos jovens, resultando, desta sessão, bonecos, colares, malas e cachecóis muito engraçados. No terceiro dia de comemoração, o tema a ser debatido era acerca das “*Novas tecnologias – que desafios aos jovens?*”, com esta sessão pretendeu-se apreender o impacto dos avanços tecnológicos na vida dos jovens, percebendo também a importância dos chats de conversação e das redes sociais, como o Messenger, o Facebook e o Twitter, e para dinamizar a sessão foi convidado um engenheiro da Câmara Municipal de Gondomar.

A quarta sessão intitulada “*Os jovens e a relação interpessoal – Jogos pedagógicos*” foi dinamizada pela Dra. Liliana Pires, onde foram realizados alguns jogos que estimulam as relações interpessoais, debatendo ainda, as aprendizagens que retiramos com estes jogos, nomeadamente, ao nível da gestão de conflitos. Por fim, a última sessão denominada “*Hábitos alimentares dos jovens, que alternativas*”, dinamizada pela Dra. Joana, nutricionista na Câmara Municipal de Gondomar, veio discutir os hábitos alimentares que os jovens hoje em dia possuem, dando alternativas para fazerem uma alimentação mais saudável.

Como se pode constatar todos as pessoas que foram convidadas para dinamizarem todas estas sessões são profissionais da Câmara Municipal de Gondomar. O meu contributo para o aniversário da casa teve que ver essencialmente com o preparar o espaço lúdico, nomeadamente na decoração da sala.

“...estivemos a fazer alguns smiles engraçados, bolos de aniversário coloridos com um material esponjoso, para dar um ar de festa a toda a casa; tivemos sempre o cuidado de não infantilizar muito a decoração, uma vez que os nossos convidados serão os jovens de alguns cursos profissionais, e por isso, queríamos uma festa jovem mas divertida. Fizemos ainda, um enorme cartaz para colocar no exterior da casa, para que quem passasse na rua se sentisse convidado, e com interesse em participar na nossa festa” (NT12: 20/11/09).

Preparei, ainda, todos os materiais necessários para cada sessão, uma vez que todos os dias oferecíamos alguma coisa a cada jovem que estivesse relacionado com o tema a ser tratado naquele dia.

Um outro evento que deu bastante visibilidade à Casa da Juventude, fazendo chegar a instituição a um outro tipo de público foi uma tertúlia realizada na CJG.

“...esta tertúlia é dirigida aos alunos do município de Gondomar que estudam à noite e que de dia trabalham, e que por isso, não têm oportunidade de participarem nas actividades que a CJ disponibiliza para os utentes. Neste sentido, esta tertúlia foi pensada para que outro tipo de público possa aceder e conhecer a Casa da Juventude não só de Gondomar mas também de Rio Tinto; pois esta sessão foi um trabalho realizado em parceria pelas duas Casas da Juventude do município” (NT63: 9/02/09).

Esta tertúlia teve como tema as “*Alternativas alimentares*”, onde foram convidados mais uma vez alguns profissionais da Câmara Municipal de Gondomar, e para moderar o debate foi convidado o Vereador Dr. Fernando Paulo. Para mim, mais do que a importância do tópico em discussão, foi relevante o facto de a tertúlia ter sido direccionada a pessoas que estudam à noite, e que por isso, têm o mesmo direito de usufruir os espaços e as actividades dinamizadas pelas Casas da Juventude. Foi uma sessão que teve cerca de 40 estudantes adultos a assistir; o momento do debate foi marcante e de grande aprendizagem, pois a certa altura um senhor de 52 anos dizia que nunca tinha assistido a uma tertúlia, e que estava a gostar bastante e que achava muito interessante incitativas como estas, dando os parabéns à Casa da Juventude de Gondomar. Um outro aspecto que considere importante foi o facto de o Vereador estar presente, pois é importante este perceber o tipo de população existente no concelho de Gondomar, e estar consciente das potencialidades e das fragilidades que a caracterizam. O mais importante é fazermos as coisas para as pessoas, para a comunidade e não para “os lá em cima” verem ou saberem que fizemos.

Destaquei como importantes estes dois eventos, pois embora a minha participação não tenha sido o desenvolvimento de uma acção de formação ou algo mais notável, penso que retirei aprendizagens importantes que fazem parte do trabalho de licenciado em Ciências da Educação como a organização deste tipo de sessões, a decoração, quem convidar para assistir mas também para dinamizar, como proceder aos contactos, e ainda a escolha dos temas a serem debatidos, pois devem ser assuntos que tenham interesse para as pessoas e que de algum modo sirvam para desenvolver o seu sentido crítico, bem como para uma melhor interpretação e compreensão da realidade e das suas histórias de vida, sendo a intenção destes momentos formativos “...estimular a los sujetos participantes a desarrollar sus potencialidades, con capacidad de actuar «en» y «sobre» el mundo como sujetos de la historia y factores de transformación cultural” (Andrer-Egg, 1989: 100); estas foram aprendizagens que adquiri.

2.3.1.7 - Oficina do Livro

A oficina do livro teve o seu início em Janeiro de 2010 na Casa da Juventude de Gondomar. Faz parte do projecto educativo pensado para esse ano, que consiste em trabalhar o livro em todas as suas dimensões. Neste sentido, esta oficina é dirigida para um grupo fixo de 15 elementos (adolescentes do 2º ciclo do ensino básico) e tem como objectivo trabalhar uma obra do autor José Jorge Letria, tentando incutir nos adolescentes o gosto pela leitura, bem como desenvolver a capacidade de escrita criativa. Esta oficina funciona uma vez por mês aos sábados de manhã, uma vez que sendo este um trabalho contínuo, é necessário que todos os participantes tenham disponibilidade. A minha participação passou pela preparação de algumas actividades que foram desenvolvidas na oficina.

“Assim sendo, fui preparando umas fichas de trabalho que se relacionassem com a história que os miúdos têm vindo a trabalhar na oficina “O pardal de Espinosa” do autor José Jorge Letria, e ao mesmo tempo que tivesse relação com a escrita criativa. Desenvolvi duas fichas onde os participantes teriam que imaginar um outro desfecho para Espinosa e para o pardal que morrem no final da história, contudo tinham um pequeno desafio, que seria fazer um final onde todas as palavras comesçassem por uma determinada letra, ou, no texto que escreveriam seriam proibidos de usar uma vogal do alfabeto” (NT71: 19/02/10).

Como se pode constatar a partir deste pequeno excerto com o acompanhamento da minha supervisora local, ia preparando e desenvolvendo algumas fichas de trabalho, ou melhor alguns desafios que pudessem estimular a capacidade de leitura e de escrita criativa, para isso tive que fazer um trabalho de pesquisa, não só estar a par da obra que estava a ser trabalhada, mas também fazer alguma pesquisa e ter algumas noções sobre escrita criativa e de alguns exercícios que pudessem ser interessantes para os adolescentes. Quem dinamizava a oficina era a coordenadora da casa, responsável pelo espaço lúdico, e o meu papel para além de preparar as actividades, era o de me inserir no grupo participando nas actividades como qualquer um deles, tendo como é óbvio a intenção de orientar sempre que surgissem dificuldades.

Apesar de já ter terminado o meu estágio continuo a estar presente na Oficina do Livro, pois não fazia sentido deixar este projecto a meio, estando agora a ensaiar com o grupo o texto do teatro que estes irão levar ao auditório municipal. Esta oficina trouxe-me grandes aprendizagens, em primeiro lugar tornou-se bastante importante, uma vez que me permitiu estar mais perto do grupo, que são adolescentes que frequentam a casa

com alguma regularidade, e em segundo lugar, permitiu-me retirar algumas aprendizagens no que diz respeito as dinâmicas de grupo, como devemos motivar o grupo, formas de trabalhar e de lidar com um grupo adolescente.

2.3.1.8 - *Orientação de uma nova funcionária*

Uma das funções que não esperava exercer mas que veio acontecer e que me trouxe bastantes aprendizagens foi o facto de poder orientar uma funcionária que havia começado a trabalhar na Casa da Juventude, enquanto decorria o meu estágio. Uma funcionária jovem, próxima da minha idade e que possui o curso profissional de Animação Sociocultural. Sendo eu a pessoa que naquela altura estaria mais presente no espaço lúdico, tive a responsabilidade de orientar e dar a conhecer a esta funcionária como funcionam as dinâmicas da Casa da Juventude, a relação entre funcionários, o trabalho que é realizado, e de a apresentar aos utentes, tentando transmitir-lhe algumas preocupações que fui tendo com crianças, adolescentes e jovens, como por exemplo, incentivá-los para os estudos, para os trabalhos de casa, para a formação, para o trabalho, no fundo, ir um pouco mais além do trabalho da preparação e da dinamização de actividades.

Penso que esta “tarefa” permitiu demonstrar mais o meu valor enquanto profissional, pois consegui com que esta funcionária ficasse por dentro de qual seria o seu trabalho, no fundo, eu senti que era um modelo para ela, pois muitas vezes esta questionava-me “Andreia e agora o que é para fazer”, com esta simples questão estava depositada em mim uma responsabilidade de transmitir tudo o que tinha aprendido enquanto estagiária e enquanto profissional nos poucos meses em que havia estado na casa, uma vez que o estágio tendo uma durabilidade curta, sentia dificuldade em mostrar todo o meu valor e toda a minha qualidade e, por vezes, sentia uma ansiedade enorme, pois queria tanto demonstrar todo o meu valor, tudo aquilo que sabia fazer, que chegava a ser difícil. Todas as aprendizagens que a coordenadora da casa (e minha supervisora local) me foi transmitindo, eu penso que consegui transmitir à nova funcionária e consegui mais uma vez devido às ferramentas que adquiri em Ciências da Educação, pois o trabalho de formação é uma das minhas competências. O estar a orientar uma pessoa, permitiu que eu reflectisse, primeiramente, sobre as minhas práticas no contexto

de estágio, para poder transmitir à funcionária todos os conhecimentos que havia obtido acerca daquele contexto.

Por vezes chegava a ser irónico, pois a funcionária que eu estava a orientar estava a ocupar um lugar que poderia ser meu, que por vários motivos não foi meu, e que mais uma vez penso que tive a capacidade de separar sempre as coisas. Nesse sentido, esta “responsabilidade” foi um dos pontos fortes do meu estágio e mais uma experiência que levo comigo, que certamente irá ser útil para a construção da minha profissionalidade.

2.3.2 – Actividades realizadas fora do âmbito do SADJ

Apesar de o meu trabalho incidir mais sobre o espaço lúdico, tive a oportunidade de obter experiências e conhecimentos relevantes exteriores ao espaço lúdico que, na minha opinião, importa destacar. Neste sentido, foram várias as acções que desempenhei fora do âmbito do Serviço de Animação e Dinamização Juvenil, o que evidência uma polivalência de funções e mais do que isso, que o trabalho que realizamos enquanto profissionais (eu enquanto estagiária) não se cinge apenas a uma função, à qual devemos estar limitados; pelo contrário devemos estar preparados para exercermos funções em espaços ou contextos que não aqueles que inicialmente nos estavam destinados. De seguida mencionarei algumas actividades e experiências pelas quais passei fora do SADJ.

2.3.2.1 - Apoio no trabalho de outros serviços da CJ

Hoje em dia exige-se de qualquer profissional polivalência de funções, e nesse sentido, apesar de as minhas acções estarem mais relacionadas com o espaço lúdico, pude perceber um pouco como funciona o trabalho nos outros serviços da Casa da Juventude de Gondomar. Em algumas ocasiões servi de apoio no trabalho do Serviço de Informação aos Jovens, onde fazia da melhor forma possível o trabalho desempenhado pela colega que dirige este serviço.

“Enquanto fazia o trabalho de secretaria, isto é, atender telefonemas, fazer com que cada utente mostre o seu cartão (de utente) e se inscreva nos serviços que CJ dispõe, este espaço serve, ainda, para informarmos todos os utentes acerca

de alguma dúvida que estes tenham, nomeadamente, de emprego, formação, actividades a realizar, etc.” (NT9: 17/11/09).

No SIJ como a passagem acima menciona, fazia telefonemas, atendia outros tantos, recebia os utentes informando-os sobre dúvidas que tivessem, encaminhando-os para os outros serviços da casa. Neste espaço fiz várias vezes a selecção de empregos e de formação para jovens e adultos. Embora estivesse a fazer o trabalho deste serviço, ia sempre que possível adiantando o trabalho que me havia sido pedido para o espaço lúdico.

Estive, ainda, em algumas situações não tantas como no Serviço de Informação ao Jovem, no Espaço Internet, onde tinha mais a função de supervisionar o espaço e fazer com que os utentes cumprissem as regras, não acedendo a sites proibidos, e mantendo sempre o espaço calmo e tranquilo.

A questão da polivalência hoje em dia tem vindo a tornar-se cada vez mais relevante nos contextos de trabalho, pois quer-se que o profissional aprenda um pouco de tudo, não estando “preso” apenas à sua área de formação. Na minha opinião, ter aprendido mais um pouco do que se faz na Casa da Juventude, para além do trabalho no espaço lúdico foi extremamente importante, pois permitiu-me interagir com outro tipo de público, que normalmente frequenta mais o Espaço Internet, e aprender outro tipo de trabalho, possibilitando-me conhecer melhor as dinâmicas da Casa da Juventude, sendo isso que se pretende enquanto estagiária.

2.3.2.2 - Visitas Lúdicas

A Casa da Juventude de Gondomar, de acordo com o plano de actividades, organiza algumas visitas a locais considerados pertinentes para os adolescentes e jovens acederem e obterem um conhecimento acerca da cultura portuguesa. Estas visitas são uma forma “...de contacto con las propias raíces culturales, que puede ayudar a adquirir información/vivencia de ellas y a configurar la memória como elemento indispensable para la adquisición de la propia identidad cultural” (Ander-Egg, 1989: 104). Neste sentido, tive oportunidade de ir a algumas dessas visitas, sendo que a primeira visita foi ao Museu Amadeu Sousa Cardoso, em Amarante, uma vez que nos meses de Novembro e de Dezembro estava a ser trabalhado o tema da arte. Fui ainda à Fundação Serralves e

ao Museu do Papel, em Santa Maria da Feira, estas últimas visitas pensadas devido ao facto de se estar a trabalhar do livro na Casa da Juventude.

O meu papel nestas visitas era de orientar, supervisionar um grupo de 12-15 adolescentes, e por isso, era eu a responsável por este grupo, e recordo-me que a minha primeira visita foi muito difícil, pois estava muito nervosa, uma vez que estava há pouco tempo na casa e ainda não tinha criado uma relação de confiança com a maioria dos adolescentes e jovens que a frequentam.

“Foi um dia de extremo nervosismo para mim, pois apesar de ir com o Manuel (funcionário do Espaço Internet), todas as crianças que fossem pela Casa da Juventude de Gondomar seriam da nossa responsabilidade” (NT18: 28/11/09).

Todas estas visitas eram realizadas em parceria com a Casa da Juventude de Rio Tinto, onde havia sempre um responsável pelo grupo de cada casa; na Casa da Juventude de Gondomar, não existe uma pessoa fixa para ir a estas visitas, contudo, sendo eu uma estagiária e estando num processo de aprendizagem, enquanto estive na casa fui sempre eu que fui às visitas, por decisão da coordenadora. Com o passar do tempo, houve uma natural evolução da minha relação com as crianças, os adolescentes e os jovens, e nesse sentido, a última visita que fiz foi muito mais descontraída do que a primeira, pois não estava tão apreensiva e não estava sempre a pensar no que poderia correr mal.

“...quando cheguei ao autocarro já todos estavam sentados nos seus lugares, apenas os mandei colocar os cintos. Tive a sensação que eles mal me viram ficaram contentes por ir eu ao passeio; o R. até me chamou logo para me sentar ao lado dele no autocarro. Eu sentei-me ao lado dele, pois gosto de estar no meio dos miúdos para os controlar, mas também porque é uma forma de os conhecer melhor. Todos foram muito divertidos na viagem, as conversas eram diversas, conversas típicas de adolescentes; a C. (que era mais impetuosa) perguntava-me onde eu comprava as minhas roupas, que tipo de música gostava mais de ouvir, etc.” (NT69: 17/02/10).

Estas visitas exteriores à Casa da Juventude foram verdadeiras aprendizagens, que me ajudaram imenso na minha relação com os adolescentes e os jovens, mas também no eu desenvolver a minha autoridade, a minha capacidade de impor as regras que deviam ser cumpridas por eles, e de estes me encararem não apenas como uma pessoa “porreira”, mas também como uma figura de autoridade que eles deveriam respeitar.

2.3.2.3 - Visita domiciliária

“...fui com a Dra. Maria José fazer uma visita domiciliária. Fomos a casa de dois jovens ver em que condições estes estavam a viver, pois a Dra. Maria José tinha conseguido uma mobília de sala para esse casal. Quando chegamos à residência, deparamo-nos de facto com condições de extrema pobreza e precariedade com que este casal vivia (...). Este jovem casal tem um bebé recém-nascido, uma escolaridade baixa, e vive do rendimento mínimo” (NT54: 26/01/10).

A visita domiciliária que realizei enquanto estagiária, e apesar de ter sido apenas uma, considero que foi das experiências mais enriquecedoras que tive enquanto estive na Casa da Juventude de Gondomar, da qual retirei grandes aprendizagens. Quando realizei esta visita com a coordenadora da casa (e minha supervisora local de estágio), num primeiro momento questioneimei-me se era da competência de uma Casa da Juventude fazer este tipo de trabalho, mais do domínio da intervenção. Nesta visita deparei-me com um casal de jovens que viviam em condições de extrema pobreza, não tendo as condições mínimas para viverem com dignidade, sendo que para piorar toda esta situação de precariedade, este casal tinha um bebé recém-nascido. Estes jovens devido às condições em que viviam, pediram apoio à coordenadora da Casa da Juventude de Gondomar, no sentido de o Departamento de Habituação da Câmara Municipal de Gondomar os apoiar numa casa com melhores condições. Neste sentido, fomos fazer esta visita para verificar quais eram realmente as condições em que este jovem casal vivia. Enquanto técnicos de educação devemos estar sempre atentos a situações de pobreza, precariedade, de exclusão e acima de tudo, situações que envolvam crianças.

“Nós enquanto técnicas devemos sinalizar esta situação à CPCJ, pois as condições em que aquele recém-nascido está a viver não são as melhores. É nosso dever falar com os pais para arranjam uma outra solução, melhores condições para o recém-nascido, pois não é o objectivo da CPCJ retirar as crianças aos pais. Devemos estar atentos a situações que possam acontecer dentro da casa e que consideramos que possam não estar bem, e sinalizar os casos, uma vez que faz parte do nosso trabalho enquanto técnicos de educação” (NT59: 2/02/10).

Desta forma, a grande aprendizagem que retiro desta visita e penso que se torna importante dar relevância, pelo facto que enquanto profissionais de educação não nos poderemos fechar apenas no nosso mundo, aquilo que está à vista apenas dos nossos

olhos, enquanto técnicos devemos estar atentos às dificuldades da comunidade, sendo nosso dever fornecer, na medida do possível, todo o apoio.

2.3.2.4 - Desenvolvimento (em parceria) de um estudo sobre o tempo livre dos jovens residentes nas freguesias de Gondomar (S. Cosme) e Rio Tinto

A ideia sobre o tempo livre dos jovens foi pensada por mim e pela minha colega Carolina Mendes (estagiária na Casa da Juventude de Rio Tinto) devido ao que tínhamos vindo a observar nas Casas da Juventude, nomeadamente, a fraca afluência de jovens à casa, questionando-nos sempre, sobre o que se pretendia com um espaço como a Casa da Juventude. Neste sentido, este é um trabalho que ainda está a decorrer¹⁰, tendo como finalidade conhecer as actividades de lazer dos jovens, quais os lugares que frequentam, qual o tempo livre que dispõem, entre outros aspectos. Para isso, eu e a minha colega, com a orientação do professor Henrique Vaz, concebemos um questionário¹¹ que nos permitisse analisar tudo aquilo que pretendemos aferir.

Desta forma, inicialmente tínhamos pensado administrar o inquérito apenas aos jovens que frequentam as Casas da Juventude, contudo, rapidamente abandonamos essa ideia, pois seria algo muito limitado e porque esses são jovens que já frequentam a casa, e era de nosso interesse perceber como passam o tempo livre os jovens que não frequentam a instituição. Assim, para alcançar uma maior representatividade e uma maior fidelidade deste estudo, pensamos em administrar os questionários em algumas escolas e associações/corporações das freguesias de Gondomar e de Rio Tinto. Primeiramente, procedemos ao contacto das escolas e informalmente, fomos a algumas associações das freguesias de Gondomar e de Rio Tinto. Com este estudo, aspiramos compreender de que modo os jovens organizam o seu tempo livre, tentando ainda, sempre que possível dar a conhecer as Casas da Juventude.

Em suma, considero que todas as acções que fui desenvolvendo enquanto estagiária na Casa da Juventude de Gondomar, foram todas elas desafiantes; encarei sempre todas as tarefas com o mesmo empenho e dedicação, mesmo aquelas que à partida teria mais

¹⁰ Como é um trabalho que ainda está a decorrer, não foi possível integrá-lo neste relatório, contudo, os dados e informações obtidas irão ser disponibilizadas à autarquia de Gondomar.

¹¹ Ver anexo I.

dificuldades em executar como foram o caso das actividades de expressão artística. Todas as acções em que estive directamente ou indirectamente ligada, ou seja, nas actividades em que tive um papel mais activo e nas actividades em que talvez o meu papel não fosse tão visível, ainda assim, em todas elas adquiri conhecimentos e ensinamentos, pois todas contribuíram para o meu crescimento pessoal e para a construção da minha profissionalidade.

Capítulo III

Problemas encontrados no âmbito do estágio

Neste capítulo irei dar conta de alguns problemas e obstáculos com os quais me deparei durante a minha permanência na Casa da Juventude de Gondomar, desde o momento da minha entrada até ao término do meu estágio. Por outro lado, irei dar conta da forma como fui ultrapassando todas as adversidades, sendo que para isso apoiar-me-ei em alguns contributos teóricos de forma a desenvolver uma reflexão crítica e sustentada.

3.1 – A ausência de jovens e o questionamento sobre a pertinência da Casa da Juventude

A minha entrada para a Casa da Juventude foi um momento de grande ansiedade e nervosismo, mas ao mesmo tempo de grande expectativa, pois ao longo da licenciatura em Ciências da Educação sempre foi um desejo poder trabalhar com jovens, e por isso, estava bastante contente, pois o estágio seria uma oportunidade para “trabalhar” num contexto como a Casa da Juventude, um espaço essencialmente dirigido para os jovens, pelo menos este era o meu pensamento quando ainda não conhecia o contexto. A minha ideia seria de um lugar onde os jovens pudessem conviver, estar com os amigos, de serem jovens activos e participarem nas actividades que a casa, por ventura, pudesse promover. Neste sentido, as minhas expectativas para este estágio eram as maiores, penso que qualquer estagiário ou mesmo um profissional quando entra para um (novo) contexto tem sempre aquele desejo e ambição em querer inovar, em mudar alguma coisa, em desenvolver algo que nos diferencie perante todos os outros, deixando a nossa marca pessoal no trabalho que realizamos.

Esta ideia que possuía de que a Casa da Juventude seria um lugar tranquilo, até porque me fora descrito um cenário bastante aprazível do que seria este tipo de instituição, e todas as expectativas e motivação que tinha antes de conhecer o contexto foram-se esmorecendo a partir do momento em que conheci a instituição, isto porque como já havia referido no capítulo anterior, foi-me apresentado um contexto e um cenário bastante complexo e difícil de lidar.

“...antes de a Dra. Maria José ter ficado como coordenadora, a CJ tinha um mau ambiente, pois os jovens com maior idade afastavam os mais novos (...) Este mau ambiente instalado na CJ tem consequências, por exemplo, na (má) reputação que a CJ tem hoje e que a Dra. Maria José tenta combater, tentando equilibrar o tipo de jovens que frequentam a casa; uma vez que não coloca de

parte aqueles jovens que são problemáticos, e que muitas vezes não querem ajuda, mas também é importante que a casa seja frequentada por outro tipo de jovens, mais interessados na sua educação e formação” (NT27: 14/12/09).

Desta forma, fui confrontada no início do meu estágio, com uma Casa da Juventude caracterizada por um passado bastante negativo, e muito marcada pela presença de jovens bastante problemáticos, que não tinham qualquer respeito pela instituição e pelos profissionais que lá trabalham, apenas tinham como interesse vandalizar os espaços criando um mau ambiente, destabilizando o trabalho que os profissionais estavam a tentar desenvolver, e fazendo com que os mais novos (crianças e adolescentes) deixassem de frequentar a casa por medo e receio. A Casa da Juventude de Gondomar encontra-se, neste momento, numa fase de transição, tendo a nova coordenadora a tarefa de combater todo este passado que se reflecte na reputação da casa, enquanto instituição segura, sendo necessário voltar a ganhar a confiança dos pais de crianças e adolescentes que deixaram de frequentar a casa por esta ser pouco segura e por não possuir um ambiente adequado, um ambiente que se pretende harmonioso e de convívio.

Perante todo este cenário, o primeiro mês do meu estágio, penso que foi o mais complicado, não só porque me estava ainda a ambientar ao local, às pessoas, às dinâmicas de trabalho, mas porque percebi que não havia tarefas concretas e específicas para mim, o que foi algo difícil, pois quando cheguei àquele contexto não sabia muito bem o que era suposto fazer, ainda que a casa tivesse um plano de actividades onde estão previstas todas as actividades a serem desenvolvidas em determinado mês, a sua realização dependia muito dos utentes que tivéssemos na casa. E a frequência e afluência de utentes à casa, foi outro aspecto que me desmotivou, pois senti nos primeiros dois meses, uma fraca frequência de crianças, de adolescentes e de jovens. Foi-me explicado que era natural, que na época de Inverno as frequências à Casa da Juventude, começavam a baixar em relação e comparativamente à época de Verão. Esta ausência também se deve ao facto de muitas crianças, adolescentes e jovens se encontrarem na escola durante todo o dia, o que na época de Verão não acontece, pois estes encontram-se de férias. Para mim, era algo frustrante preparar as actividades que estavam previstas no plano e perceber que as desenvolvia para ninguém, uma vez que nos meses de Novembro e Dezembro eram poucos os utentes que frequentavam a casa, algo que chegava a ser verdadeiramente desanimador, e acredito para os profissionais da

casa também o seja, a única diferença é que estes estão mais habituados a esta situação e para mim foi quase como um choque.

“Por volta das 9 horas cheguei à casa da Juventude de Gondomar, para mais um dia de estágio. Este foi um dia que se revelou bastante calmo, no qual não apareceu na CJ nenhuma criança, adolescente ou jovem para o espaço lúdico e poucos foram aqueles que vieram para o Espaço Internet. Por vezes nestes momentos mais parados, pergunto-me se se justifica uma instituição destas estar em funcionamento, quando não existem utentes suficientes que justifiquem a sua abertura. Como é natural, muitos são as crianças, os adolescentes e jovens que têm aulas, tanto de manhã como de tarde; sendo que os adultos são os que mais aparecem ao final da tarde ou à noite para o Espaço Internet” (NT37: 4/01/10).

Foi a partir desta situação, da ausência de adolescentes e jovens na Casa da Juventude, que eu e a minha colega Carolina Mendes (estagiária na Casa da Juventude de Rio Tinto) pensamos em realizar um inquérito por questionário com a intenção de saber que lugares os jovens frequentam, e qual o tempo em que estão mais disponíveis. Deste modo eu e a minha colega contactamos algumas escolas das freguesias de S. Cosme e de Rio Tinto, pois seria mais fácil para nós encontrar grande parte dos jovens nas escolas, e sabendo que o nosso estudo ficaria incompleto por se limitar apenas ao contexto escolar, resolvemos também aplicar este questionário em algumas associações locais das mesmas freguesias. Contudo, existiram vários impedimentos por parte das escolas para a aplicação do questionário, algumas delas nem responderam ao nosso pedido. Ao considerarmos que as escolas nos iam dificultar a realização deste estudo, não autorizando a administração do questionário, iríamos tentar com as associações locais, sendo esta a nossa última esperança, atendendo ao facto que tínhamos muito interesse em realizar este estudo. Eu e a minha colega não desistimos deste estudo e por isso já procedemos à administração do questionário em algumas associações, no entanto, teremos sempre o problema de não conseguirmos alcançar a representatividade que esperávamos, caso conseguíssemos aplicar os questionários também nas escolas.

Tudo isto devido à ausência de jovens na Casa da Juventude, o que importa reflectir sobre o papel deste tipo de instituição, ou seja, ao nível das políticas juvenis o que se pretende na realidade com estes espaços. Sabemos que

“nos últimos anos, a escola foi apontada como a principal responsável por todos os males da sociedade. O professor, para além da sua função docente, passou a ter que intervir e a ter formação noutras áreas, nomeadamente psicologia, animação, mediação, consultadoria e, por

vezes, a substituir-se ao papel da família. Os sucessivos governantes responsáveis pelas pastas da Educação em Portugal pensaram que se os alunos estivessem mais tempo na escola aprenderiam mais e, assim seriam impedidos de terem comportamentos nocivos para a sociedade” (Lopes, 2006: 396).

No entanto, os resultados esperados não têm sido favoráveis, há uma tendência em valorizar excessivamente a educação formal, onde os alunos passam a maioria do seu tempo na escola, em aulas, não restando tempo para outras actividades importantes ao nível da educação não formal e informal. O tempo escolar não se apresenta como um tempo totalmente liberto, onde podem dedicar o seu tempo ao convívio, ao jogo, ao divertimento ou ao descanso, uma vez que as obrigações escolares lhes ocupam todo o seu tempo.

Com efeito, foi a partir dos anos 80 que muitas foram as políticas e os programas que surgiram dedicados à juventude. Este grupo social, que por esta altura era olhado como um “problema”, começou a merecer a atenção e a preocupação dos agentes políticos, nomeadamente, na forma como os jovens deveriam ocupar os seus tempos livres, tendo em vista uma redução da marginalidade e da violência nas cidades. Todas as alterações que foram ocorrendo no plano laboral, educativo mas também no próprio discurso político, colocam hoje novos desafios às sociedades, Caramelo e Correia (2003) alertam para a emergência de uma nova questão social, na qual o debate social deixou de ser sobre a injustiça e a desigualdade social, para ganhar ênfase as políticas de combate à exclusão e à coesão social, apelando, por isso, “...ao desenvolvimento de dispositivos e de espaços que favoreçam a co-presença de diferentes grupos sociais e geracionais que facilitem a socialização dos conflitos e a gestão de tensões, de um espaço que permite produzir um sentido para o «viver em conjunto»” (2003: 9).

As Casas da Juventude surgiram com o objectivo de oferecer aos jovens um espaço de encontro que fosse favorável ao convívio, bem como um programa onde são dinamizadas um conjunto de actividades que, se espera que sejam do interesse do jovem. Contudo, Jaime Artiaga (cit. in Trilla, 2004: 29) questiona se as Casas da Juventude são um “local de jovens ou [um] local para jovens?”. Tendo em conta que a variabilidade e a diversidade são características da juventude, pelo que habitualmente não lida bem com formalismos e regras, e nesse sentido, “se é um lugar dos jovens, o que faz lá um animador?” (Artiaga, cit. in Trilla, 2004: 229). Se existe a presença de um animador ou educador, e a sua função será desenvolver e dinamizar um conjunto de

actividades que privilegiem o conceito de grupo, e ainda servir de intermediário entre os equipamentos, os recursos disponíveis e os vários grupos juvenis. As Casas da Juventude, sendo um espaço que tem como finalidade servirem essencialmente como ponto de encontro entre jovens, não há uma concordância sobre a precisão destes espaços serem especificamente para os jovens, uma vez que “quando existe no território uma política de descentralização por zonas e de participação dos cidadãos, predomina a tendência em pôr em funcionamento centros cívicos (centro de encontro para cidadãos) onde uma parte tem a ver com os jovens. Neles existem espaços, recursos e actividades juvenis, mas em inter-relação com o conjunto do dinamismo dos cidadãos” (Artiaga cit. in Trilla, 2004: 229).

A criação deste tipo de espaços faz com que se coloque a questão para que grupos de jovens estes espaços são verdadeiramente concebidos, pois este tipo de programas continuam a não chegar aos grupos que mais necessitam, nomeadamente, grupos que não aceitam nem lidam bem com inflexibilidade, formalismos, regras, horários, “pelo contrário, os locais nem sempre se concebiam para serem o lugar de encontro onde os educadores em meio aberto pudessem contactar e actuar com os jovens e adolescentes do território” (Artiaga, cit. in Trilla, 2004: 229). Uma das missões das Casas da Juventude será fazer chegar precisamente aos jovens um conjunto de informações que lhes sejam úteis, designadamente, informações relacionadas em grande parte com a educação e formação, acesso ao trabalho, entre outras, contudo, o problema persiste em quem acede este tipo de informação, que habitualmente é quem menos necessita dela e quem tem um acesso mais facilitado à partida.

A juventude apresenta-se actualmente como sendo uma categoria bastante imprecisa, outrora considerava-se jovem aquele que através de um critério de emancipação e independência acedia à vida adulta. O que nos faz questionar a forma como as políticas dirigidas aos jovens são implementadas, uma vez que existe “uma grande diversidade na constituição de grupos, colectivos... muito diferentes uns dos outros. De facto, política juvenil quer dizer políticas dirigidas a um conjunto de grupos, de cidadãos que têm em comum uma idade e uma situação de transição para a vida adulta, mas grandemente diferentes entre si” (Artiaga, cit. in Trilla, 2004: 220). Como já vimos a idade não é uma variável uniforme, atendendo às diferenças que existem entre a saída da infância e a transição para a vida adulta. Muitas vezes ao nível das políticas juvenis não se tem em conta estas variáveis, nomeadamente, a idade e a diversidade

existente entre os jovens, bem como ter em consideração o contexto destes, e ainda, a velocidade com que as transformações culturais e sociais se processam, o que faz com que as políticas juvenis fiquem desadequadas com grande rapidez. De acordo com Artiaga (cit. in Trilla, 2004), grande parte das políticas juvenis falha ao considerarmos à partida os jovens como um problema, sendo que as políticas deveriam ser dirigidas antes de mais para os adultos com quem os jovens contactam, nomeadamente, apoio aos pais para terem um papel mais habilitado e activo na educação destes, e ainda no trabalho, para desmistificar a forma como a sociedade e os adultos olham para a juventude.

3.2 – Juventude ou juventudes: de que estamos a falar?

Mais do que fazer uma análise sobre as políticas juvenis que foram emergindo, bem como reflectir sobre a pertinência da criação de um espaço como a Casa da Juventude, penso ser fundamental perceber e esclarecer de que tipo de juventude estamos a falar quando falamos em jovens, uma vez que esta foi sempre uma questão que fui reflectindo durante o meu estágio, e razão pela qual neste relatório tenho tido sempre uma preocupação em deixar bem claro a diferença que existe entre crianças, adolescentes e jovens. Durante a minha permanência na Casa da Juventude, fui-me apercebendo que não podemos conceber a juventude de igual forma, pois dentro dessa mesma categoria ou grupo social existem várias juventudes e todas elas diferentes; pelo que fui observando e pelo contacto que fui tendo com os jovens da casa, todos eles realmente podem ser considerados jovens, contudo, dentro dessa mesma categoria existem sub-fases bem diferentes, nas quais as mentalidades, os pensamentos, os objectivos, os comportamentos, as formas de ser e de estilo são distintos umas das outras.

“Nesse tempo em que os observava comecei a pensar o quanto esta geração de jovens é diferente da minha geração, apesar de o hiato de tempo não ser assim tão grande, a forma como os jovens hoje falam, a forma de se vestirem e de se comportarem parece-me totalmente diferente do tempo em que eu andava na escola. A forma de se vestirem é muito mais desinibida, tendo sempre um certo estilo a manter, algo que dá alguma reputação aos jovens; a própria linguagem é diferente, o vocabulário que utilizam, no qual transformam num código de linguagem que só eles entendem” (NT14: 24/11/09).

Ao confrontar-me com um público juvenil tão diversificado, em que ao nível do meu trabalho não poderia lidar com todos eles da mesma forma, não os podendo encarar de igual forma. Este facto, no início do meu estágio foi algo confuso, pois as idades eram tão próximas, e no entanto, todos aqueles “jovens” eram tão diferentes, cada um com as suas especificidades, cada um com problemas tão distintos, o que para uns poderia ser o fim do mundo, para outros era tudo mais tranquilo. Isto constituiu um grande desafio ao meu estágio, pois enquanto educadora ou animadora, ou se lhe quisermos chamar como profissional de educação, temos que estar bem atentos a todas estas especificidades para que o trabalho que desenvolvemos chegue e faça sentido para todos.

Encontrar uma definição para o conceito de juventude torna-se assim trabalho bastante complexo, pois a juventude considerada enquanto categoria social é algo recente. De acordo com Ariés (cit. in Costa, 2001), se olharmos para trás até a Idade Média não havia nenhuma referência à juventude, pois as fases da vida não existiam como nós as concebemos hoje, uma vez que a criança quando atingia os 7 anos era considerada como um ser adulto, fazendo uma vida social e entrando na vida profissional muito cedo, não existindo, portanto, uma fase intermediária entre o ser criança e a entrada no mundo adulto.

A emergência do conceito de juventude esteve na origem do aparecimento da escola, passando agora “...a existir um tempo de transição entre a infância e a vida adulta, tempo esse destinado a preparar (na escola) o ser em formação para o exercício da sua condição de adulto” (Costa, 2001: 38). A juventude à medida que foi adquirindo visibilidade social, foi também sendo encarada como um problema, não só pelas dificuldades que lhes estão subjacentes, nomeadamente, ao prolongamento da escolaridade obrigatória (e por conseguinte, um adiamento da entrada dos jovens no mercado de trabalho, o que implica que estes se mantivessem por tempo indeterminado em casa dos pais, dependendo deles financeiramente), mas também da irreverência e da rebeldia que são característicos da juventude.

O facto de a juventude ser identificada como um “problema”, bem como toda a problemática que a envolve, se deve segundo Grácio (cit. in Costa, 2001) ao interesse que os *mass media* têm por este fenómeno: “...a comunicação social, ao promover a «problemática jovem», contribuiu para a objectivação da juventude, atribuindo

visibilidade social a um grupo cuja naturalização é também influenciada pelas pesquisas das Ciências Sociais e Humanas que o tomam por objecto” (Costa, 2001: 39).

Assim, a Psicologia aborda este conceito de adolescência/juventude fazendo referência às mudanças fisiológicas e à maturidade psicológica que o adolescente/jovem sofre, enquanto que a Sociologia confere uma maior importância à relação que o jovem estabelece com o meio social, considerando a juventude como uma “categoria socialmente manipulada e manipulável” (Gomes et al., 2002: 66). No entanto, considero que existem diferenças entre o que é a adolescência e a juventude, pelo que não devemos tratar estes dois conceitos como sendo a mesma coisa.

A adolescência seria “um período marcado por uma profunda mudança da personalidade que a distingue da infância e da idade adulta, e mesmo da juventude propriamente dita” (Galland, cit. in Vaz, 2003: 62), ou seja seria um período muito ligado a uma lógica desenvolvimentista, onde estão subjacentes todo um conjunto de mudanças biológicas pelas quais todas as crianças passariam, designadamente, físicas, cognitivas, bem como uma definição face à orientação sexual. A adolescência seria uma fase muito marcada pela chegada da puberdade e pela construção, por parte do adolescente, de uma imagem de si e da sua identidade (Ribeiro, cit. in Campos, 1990). A afirmação da identidade é sem dúvida uma característica deste período; Vaz (2003) refere que existe um grande paradoxo a esse respeito, afirmando que os adolescentes “...aspiram a ser originais e entretanto, ao mesmo tempo, anseiam alcançar o maior grau possível de conformidade com milhares dos seus companheiros adolescentes. Este aparente paradoxo procuraria explicar uma afirmação identitária que se faz também com os companheiros, [mas] que se faz sobretudo com a finalidade (...) de ser diferente da geração mais velha” (2003: 69). Neste sentido, há uma consensualidade quanto ao início da adolescência, que seria uma transição da infância para o período da puberdade, mas não há uma precisão quando ao seu término.

Erikson (cit. in Vaz, 2003: 72) introduz ainda uma noção de pós-adolescência, que seria uma continuidade do período da adolescência, “durante o qual indivíduo pela livre experimentação de papéis, pode encontrar um lugar em algum sector da sociedade (...), ao encontrá-lo o jovem adulto adquire um sentimento seguro de continuidade interior e igualdade social que unirão o que ele era quando criança e o que está na iminência de ser, e conciliarão sua concepção de si mesmo e a ideia que a comunidade faz dele”.

A juventude, por sua vez, engloba a adolescência mas não se encerra com ela, isto

é, a juventude enquanto processo, é uma construção social que está sujeita às transformações históricas, sociais, políticas e culturais. E nesse sentido, a juventude estaria relacionada com a relação que o jovem estabelece com o seu meio social e com o seu estatuto, ou seja, com a entrada no mundo profissional, o afastamento de casa e independência dos pais, bem como o casamento.

Deste modo, Machado Pais (1990) refere que a adolescência vista como fase da vida só foi considerada a partir da segunda metade do século XIX, devido ao desenvolvimento de uma “consciência social” a ela associada, enquanto que a juventude adquiriu a sua visibilidade em meados dos anos 60 do século XX, quando se percebeu um prolongamento entre saída da infância e a transição para a vida adulta, decorrentes do desemprego e consequente aumento de formação. Se por um lado, podemos considerar a adolescência como um período marcado por um conjunto de alterações desenvolvimentais necessárias para assegurar uma estável transição para o mundo adulto, por outro lado, o conceito de juventude trás consigo uma maior indefinição, uma vez que “a construção independente na vida social e cultural (actividades de lazer, media, consumerismo, sexualidade, etc.) acontece cada vez mais cedo, resultando de uma perda de significado das diferenças claras entre os estádios da infância, adolescência e adultez” (Krüger, cit. in Vaz, 2003: 78).

O que importa realçar é que não podemos circunscrever de uma forma universal uma faixa etária para caracterizarmos o início e o fim da juventude; “será mais apropriado pensar na juventude como uma realidade socialmente construída, da qual se poderão fazer diferentes leituras, de acordo com as condições culturais, sociais, económicas e políticas” (Gomes et al., 2002: 67). Também Pais vai ao encontro desta ideia quando afirma que a juventude não é socialmente homogénea, ela “...aparece socialmente dividida em função dos seus interesses, das suas origens sociais, das suas perspectivas e aspirações” (1990: 149). Por outras palavras, não podemos cair no erro de generalizar o conceito de juventude, pois devemos sempre ter em consideração o contexto onde cada jovem se insere, as suas especificidades, a classe social, a etnia, sendo importante, consciencializarmo-nos que não existe uma juventude, mas sim várias juventudes; o ser jovem de uma classe média-alta é diferente de ser-se um jovem proveniente de um contexto desfavorecido, não podemos, portanto, encarar o conceito de juventude de forma homogénea e universalizante.

Ao analisarmos este fenómeno que é a juventude actualmente, não posso deixar de referir que a noção de cultura juvenil também sofreu transformações ao longo do tempo. Machado Pais (1990), remete-nos para uma noção de cultura juvenil, definindo-a como “...um conjunto de crenças, valores, símbolos, normas e práticas que determinados jovens dão mostras de partilhar” (Pais, 1990: 140). Estes valores poderiam ser transmitidos pelas gerações anteriores, de acordo com o que este autor designa ser uma corrente geracional; ou poderiam ser transmitidos de acordo com a classe de cada indivíduo, segundo uma corrente classista. Contudo, Silva (2008) alerta-nos para o facto de que as culturas juvenis

“...actuais não podem ser compreendidas através das tradicionais categorias sociológicas, como classe social e género (...), existem outras dimensões a concorrerem para a construção de sentidos de si, das suas experiências e identidades e que são visíveis no modo como organizam as matérias que entendem como disponíveis e possíveis de jogar em seu favor. Estas matérias podem ser encontradas nos consumos, na apropriação de lugares, nas interpretações estéticas das suas experiências” (Silva, 2008: 456).

Assim, no interior do universo juvenil encontramos várias formas de afirmação, seja pelo modo de vestir, pelo tipo de linguagem, pela forma de se comportar, pelos gestos, e pelas práticas de consumo (músicas, objectos de marca, telemóveis, entre outros); estas são formas que os jovens encontram, cada vez mais internacionalizadas, para ser e estar em sociedade, que os caracterizam e que contribuem para o desenvolvimento da sua identidade, reivindicando autonomia (especialmente da família) que se evidencia por marcar a diferença. Estes modos de afirmação e de emancipação por vezes não são muito bem vistos pelos adultos, e é neste sentido, que a juventude é encarada como sendo conflituosa, e numa imagem forte de mudança, pois ao tornar-se visível, tornou-se também ruidosa (Silva, 2008; Vieira, 2009).

3.3 – A (não) participação nas actividades

Na maioria das vezes quem participava nas actividades promovidas pela Casa da Juventude eram grupos de escolas convidadas, que vinham à casa com o intuito de a conhecer, mas também o objectivo de desenvolver uma actividade. Os adolescentes e os jovens que frequentavam a casa mais assiduamente, especialmente, em período de férias

da escola, não tinham grande interesse em participar nas actividades, pois a playstation constituía para os adolescentes um maior interesse e para os mais velhos, o bilhar era a actividade escolhida.

“Enquanto fazíamos os cartões no espaço didáctico, as playstations continuavam ocupadas com adolescentes, e por isso perguntamos se algum deles não gostaria de nos ajudar, e todos responderam que não, demonstrando estarem mais interessados em jogar e nada curiosos para saber o que estávamos a fazer. Penso que os adolescentes e jovens não têm muito interesse pelo espaço didáctico e só lá vão porque é lá que se encontram as playstations; o bar bem como a sala dos computadores são mais atractivos; para os jovens mais velhos o bilhar mantém-se como sendo o mais requisitado” (NT4: 10/11/09).

Era de facto desmotivante, pois a participação é um elemento central neste tipo de trabalho, e que dá algum sentido ao trabalho do animador, ao “...estimular pequenos movimentos ou grupos, explorar «brechas», significa fomentar a participação dos cidadãos...” (Silva, cit. in Lopes, 2006: 431). Esta é uma das missões, na minha opinião das Casas da Juventude, através da partilha, da troca de experiências, conduzir a uma maior autonomia e emancipação da criança, do adolescente ou jovem, pois ser-se cidadão não é algo que aconteça do dia para a noite, é algo que se desenvolve no tempo e no espaço. Desta forma, perguntava sempre a mim mesma o que estava eu a fazer naquele contexto, uma vez que ninguém queria participar nas actividades, pensando muitas vezes qual seria o sentido do trabalho de um animador neste espaço.

“...proveitei esse momento para falar com a Dra. Maria José sobre a dificuldade que existe para que eles participem nas actividades da casa e desligarem-se um pouco mais da playstation. Esta disse-me é necessário insistir para que eles participem, e que quanto mais for a experiência que tenho no contexto, mais estratégias irei encontrar para lidar com os jovens e para que estes participem nas actividades propostas” (NT6: 12/11/09).

Nestes momentos que para mim foram mais desmotivantes e frustrantes pude sempre contar com o apoio da minha supervisora local (e coordenadora da casa), a Dra. Maria José Luz, que com toda a sua vasta experiência com o público juvenil me ia dando alguns conselhos, dizendo que com o tempo eu ia encontrando estratégias e formas para conseguir motivar os adolescentes e os jovens para a participação nas actividades.

De facto, o que acabou por acontecer foi que, à medida que me fui integrando no contexto, fazendo-me parte da equipa de profissionais da Casa da Juventude, fui-me

sentindo mais segura e estabelecendo uma relação cada vez mais próxima com crianças, adolescentes e jovens, a partir do momento em que demonstrei interesse e preocupação em conhecê-los, o que permitiu que estes se sentissem reconhecidos e valorizados da minha parte, especialmente, os jovens que não possuem qualquer projecto de vida, a minha função era de os respeitar e orientar e não julgar e impor as minhas vontades para benefício próprio.

No fundo foi tudo uma questão de tempo, e ao mesmo tempo um esforço maior da minha parte em querer realmente conhecê-los, lembrando-me sempre de algo que a minha supervisora local me disse no início do meu estágio, que foi o não desistir de nenhuma criança, adolescente ou jovem, pois a partir do momento em que eles sentem que estamos a desistir deles, o nosso trabalho deixa de fazer sentido, não podendo, por isso, desistir e desanimar à primeira adversidade; antes arranjar outras formas de lidar com a não disposição que estes têm para participarem nas actividades propostas.

3.4 – Tensão entre proximidade e distância

À medida que a minha relação ia evoluindo com crianças, adolescentes e jovens outros problemas se colocavam, nomeadamente, a questão da autoridade e da implicação, especialmente esta última que me colocava sempre a pensar na minha forma de me comportar e agir em determinados momentos.

“...tenho alguma dificuldade em impor-me perante algumas crianças e jovens, talvez por ser do meu feitio, o facto de não estar habituada a dar “berros” ou a chamar a atenção dos outros. Mas tenho consciência, até porque a Dra. Maria José está sempre a alertar-me, para o ter que me impor sem medo, de modo a que as crianças e jovens estabeleçam uma relação de confiança comigo, mas acima de tudo que me respeitem, pois sou uma profissional e estou lá para zelar pelo bom funcionamento da instituição” (NT10: 18/11/09).

A questão da autoridade é bastante importante num contexto como o da Casa da Juventude, pois a minha função era também a de zelar pelo bom funcionamento e pela tranquilidade da instituição, e se por lado, foi importante estabelecer uma relação de confiança com crianças, adolescentes e jovens, por outro, era fundamental que estes não confundissem o meu papel, embora eu fosse segundo eles uma “porreira”, uma “fixe”, era antes de mais e acima de tudo uma profissional que eles tinham e deveriam respeitar as minhas ordens, as minhas regras e as minhas orientações. Isto ao início revelou-se

difícil por uma óbvia falta de experiência, pois era a primeira vez que lidava com estes grupos, e também pelo facto de eu ser uma pessoa em si reservada, contudo, é com a experiência, com as circunstâncias que vamos aprendendo a melhorar aquilo que fazemos menos bem.

“Muitos jovens que frequentam a casa são jovens muito difíceis de lidar, são jovens considerados problemáticos e rebeldes, são jovens como se costuma dizer que ninguém gostaria de ter numa sala de aula e muito menos trabalhar, não estão habituados a lidar com regras, não percebendo a sua importância, o que faz com que as desrespeitem ao máximo. Quando são chamados a atenção pensam que temos prazer em estar a importuná-los ou implicar com eles” (NT23: 7/12/09).

Como já referi no início deste capítulo, muitas vezes os adolescentes e os jovens têm dificuldade em lidar com formalismos e com regras, contudo, para que um espaço público como o da Casa da Juventude perdure no tempo, é necessário que haja regras e que estas sejam cumpridas por todos aqueles que a frequentam, favoráveis a um ambiente harmonioso, tranquilo e que se espera que seja de convívio e de não conflitualidade. E nesse sentido, cabe aos funcionários da casa a tarefa de gerir o espaço e fazer com que as normas sejam respeitadas por todos.

À medida que ia construindo relações privilegiadas com crianças, adolescentes e jovens, a questão da implicação foi algo com que tive de lidar, uma vez que me questionava sempre que postura deveria adoptar, se deveria manter uma relação de distância ou de proximidade? Esta dúvida colocava-se frequentemente, pois eu própria sou uma jovem, que tem uma idade igual ou muito próxima de muitos jovens que frequentam assiduamente a casa. Este foi um aspecto que tive de aprender a contornar, pois se eu sabia qual era o meu lugar e o meu papel na casa, enquanto profissional, estes jovens poderiam não saber diferenciar as coisas, e por isso, tinha que haver um distanciamento da minha parte quando era necessário. Embora aceitassem as minhas ordens, sem quaisquer problemas e com grande respeito, por vezes, penso que me viam como uma “amiga”, isto pelas brincadeiras que faziam, pelas conversas que tentavam ter e as confidências. A minha função seria de cortar todos os momentos que achasse que não estavam eticamente correctos. Eu penso que é fundamental o estabelecimento de uma relação de confiança, contudo, o meu papel não seria o de amiga, nem o deveria ser, mas antes manter uma relação de respeito, pois acima de tudo eu ali era uma

profissional (ainda que estagiária) que prestava apoio e orientação sempre que necessitassem.

“A ética exige que nos abstraíamos do «eu» e do «tu» e que cheguemos à lei universal, ao juízo universalizável, ao ponto de vista do espectador imparcial ou do observador ideal...” (Singer, 2000: 28). No entanto, a implicação é um elemento que está sempre presente e que se torna visível em todas as práticas sociais, incluindo as práticas educativas, sendo a relação entre o profissional e os sujeitos com quem interagimos, uma relação complexa, uma vez que é bastante difícil alcançar uma neutralidade e imparcialidade relativamente àquilo que vamos observando ou sobre aquilo que dizemos e que ouvimos num determinado contexto. Não somos indiferentes àquilo que fazemos, sendo por isso, afectados e afectando o contexto no qual estamos inseridos. A minha subjectividade e dos sujeitos está sempre presente, é algo inevitável, que faz parte da realidade social, devendo encará-la como uma fonte e um meio de conhecimento. A ideia de que se não estou implicada, se não tenho um compromisso comigo mesma, significa que não estou a dar o meu melhor. Assim, a questão da implicação foi inevitável, uma vez que me coloquei numa posição de escuta, isto é, procurando um sentido para mim e para as minhas acções mas também para os sujeitos a quem eu dirigia essas mesmas acções (Ardoino, 1982; Berger, 1992), sendo importante manter um distanciamento quando me parece adequado, através de um processo contínuo de auto-questionamento e reflexão sobre o “eu” e o “outro”.

Neste sentido, optava por manter com estes jovens uma distância-próxima; ao mesmo tempo que não queria que estes confundissem os seus papéis e o meu lugar, distanciando-me ao máximo de tudo aquilo que eu achasse que não era profissional, mantinha-me próxima sempre que houvesse necessidade de prestar apoio e orientação em tudo o que estes precisassem. Enquanto que com as crianças e adolescentes tinha uma postura mais próxima e descontraída, tendo brincadeiras e conversas, que com os mais velhos, por razões óbvias não deveria ter.

3.5 – A utilidade de um educador/animador na Casa da Juventude

Um dos aspectos de que me fui apercebendo na Casa da Juventude foi o facto de a profissão de Animação Sociocultural ser um trabalho ainda muito pouco reconhecido,

sendo totalmente desvalorizado, especialmente, por alguns jovens, que não entendiam este tipo de trabalho.

“...tive tempo para ter uma conversa com o estagiário de informática, o T. Este é um jovem de 19 anos que está a tirar um curso profissional de informática para obter uma equivalência do 9º ano de escolaridade; parece frequente encontrar na Casa da Juventude jovens que frequentam cursos profissionais, para obterem pelo menos o 9º ano de escolaridade; estes parecem ter problemas com a escola e com os conteúdos que nela são dados; para o Tiago a escola é uma seca, e este prefere mil vezes estar no estágio, na Casa da Juventude do que na escola. Este questionou ainda a minha presença na casa; perguntando-me se eu também estava a fazer um curso profissional, na ideia dele eu estaria a fazer um curso para obter uma equivalência de 12º ano. Quando lhe contei que já tenho uma licenciatura e que estou neste momento a estagiar para obter o diploma de mestrado, este pareceu surpreendido, e perguntou o porquê de estar a estagiar na Casa da Juventude, pois tendo mais estudos poderia estar a estagiar noutro local, desvalorizando o trabalho desenvolvido na CJ” (NT19: 30/11/09).

A Animação Sociocultural é ainda uma profissão recente, é oriunda de uma expressão de origem francesa que emergiu na Europa entre os anos 50/60 (embora o acto de animar seja anterior) “...como resposta à crise de identidade urbana, à descida da qualidade de vida e à atonia social provada pelo crescimento acelerado e a concentração de grandes massas de população sem equipamentos culturais nem estrutura associativa” (Vallicrosa, cit. in Trilla, 2004). Em Portugal surge em meados dos anos 60, muito ligada à estrutura associativista, no entanto, é após o 25 de Abril de 1974 que se afirma enquanto “...estratégia política e cultural no ressurgir das racionalidades, subjectividades e diferenças sociais, através da implementação da democracia nas instituições de foro comunitário formais e não formais...” (Santos, 2009: 35). O trabalho na Animação Sociocultural não se limita à ocupação e entretenimento de tempos livres, procura antes uma valorização do tempo livre de forma emancipatória para todos os indivíduos.

O trabalho do animador foi sempre um trabalho pouco reconhecido e valorizado socialmente, uma vez que este tipo de trabalho era antigamente de carácter militante, e as tarefas desenvolvidas não apresentavam uma homogeneidade. De uma forma geral poderíamos dizer que o trabalho de animação passa por,

“fixar o calendário de actividades; definir a forma como as levar a cabo; decidir a metodologia; informar o público; procurar instalações; solicitar colaborações; conseguir meios (equipamento e financeiros); assumir

tarefas de administração; reunir informações; tratar de pormenores práticos; redigir notas informativas; estabelecer orçamentos; avaliar resultados; intervir, pessoalmente, em actos culturais; elaborar material; estimular a participação; estimular a comunicação; criar um clima de confiança; assegurar a formação de outros possíveis animadores e do próprio, etc” (Larrazábal, cit. in Trilla, 2004: 126).

De acordo com Larrazábal (cit. in Trilla, 2004) a Animação Sociocultural tem vindo a sofrer uma transformação e evolução, relativamente a uma formação de nível superior, uma vez que o animador é considerado um educador e um agente do social, pois o seu trabalho prevê uma acção educativa, tendo como intenção estimular a acção, o que possibilita uma mudança de atitudes e comportamentos, exercendo a sua acção com grupos ou colectivos mais amplos. O animador é também um relacionador, pois estabelece a comunicação entre pessoas, grupos e comunidades, e entre estes e as instituições sociais. Durante o meu estágio este facto ficou bem visível, o facto dos profissionais da Casa da Juventude estabelecerem pontes com outras instituições no sentido de ajudar os jovens e os adultos na procura de formação ou emprego.

“...estive na secretaria a seleccionar alguns anúncios de emprego que possam ser úteis para os jovens e adultos que frequentam a casa. Um dos anúncios que selecionei chamou a atenção da Dra. Maria José Luz, pois esta lembrou-se que havia um jovem que era professor de 1º ciclo que andava à procura de emprego, esta de imediato ligou para o jovem a dar conta do anúncio, felizmente o jovem já tinha arranjado emprego na sua área, contudo, esta atitude demonstra a preocupação que na Casa da Juventude tem no auxílio à procura de emprego e de formação. Antes de ir de férias, também, a Vanessa tinha arranjado um curso profissional para a irmã do T., estagiário de informática” (NT19: 30/11/09).

Se no início deste capítulo questioneei a pertinência de um animador ou um educador num espaço como a Casa da Juventude, uma vez que os adolescentes e os jovens ficam sempre apreensivos sempre que alguém lhes diz que os vamos educar, esta necessidade e utilidade da presença de um animador ou educador, passa por encarar o acto de educar como forma de “...estimular, facilitar o processo de transição, socializar, dar oportunidades para adquirir identidade própria, tornar possível a autonomia e não controlar, tutelar, dirigir, doutrinar, decidir para seu bem, etc.” (Artiaga, cit. in Trilla, 2004: 230).

Não devemos encarar, portanto, a presença de um animador ou educador como uma figura inútil (tenho a certeza que se não dizem, pensam) e que para alguns nada faz.

Penso que tem muito sentido a presença desta figura, e penso que se for alguém com formação académica superior, que domina e tem uma preocupação com as questões educativas, o seu trabalho fará ainda mais sentido, pois a sua presença é a de alguém que é conhecido e aceite, observando de perto as realidades juvenis, podendo intervir sempre que possível sobre os seus problemas. Esse conhecimento permite a promoção de dinâmicas juvenis que ainda que tenham uma intencionalidade educativa, têm em conta o estilo, os interesses, e o estado de espírito dos jovens que bem sabemos, por vezes é conflituoso, inconstante e provisório, especialmente quando o assunto são regras e normas. Assim, a figura do animador ou de educador serve “... para facilitar o acesso de determinados colectivos, para relacionar as informações com as atitudes de capacidades dos jovens, para aconselhar e orientar opções” (Artiaga, cit. in Trilla, 2004: 231), algo que fui observando na Casa da Juventude.

“A meio da manhã a Dra. Maria José voltou a chamar-me ao gabinete dela para conversar comigo sobre um dos jovens que frequenta a casa; esta contou-me que o F. andava a dormir na rua (...) A Dra. Maria José contou-me que já tinha feito um pedido aos serviços de habitação para analisarem a situação do F., um jovem de 23 anos que não estuda nem trabalha, apenas sobrevive com o rendimento mínimo de inserção. Mais uma vez esta atitude da coordenadora da casa demonstra estar atenta a tudo aquilo que a rodeia, que se preocupa com as pessoas que frequentam a casa e na medida do possível lhes fornece algum tipo de apoio, cabe à pessoa que o recebe estar disposta a recebê-lo, o que muitas vezes não acontece” (NT75: 25/02/10).

Algo que achei curioso foi que a minha presença na Casa da Juventude foi sempre muito questionada, tanto por crianças, adolescentes, jovens, adultos e por alguns pais. Mas para as crianças que não entendiam ainda muito bem o conceito de estagiária, a minha presença na casa seria o de aprender o trabalho que lá se fazia mas também o de ensinar alguma coisa.

“Um aspecto que achei engraçado foi o facto de me questionarem sobre a minha presença na casa, perguntando se eu estava lá para aprender, eu respondi que sim e de imediato começaram a chamar-me por Professora Andreia, visto que eu estava ali para ensinar-lhes alguma coisa” (NT5: 11/11/09).

No fundo o animador não passa de um educador, alguém parecido com um treinador de um clube desportivo para crianças, adolescentes ou jovens, ou um monitor de animação de tempos livres, por exemplo. O que seria desejável era que o educador ou animador possibilitasse uma educação favorável a crianças, adolescentes e jovens,

pois estes necessitam “...de mentores, adultos próximos e positivos para seguirem, adequadamente, o processo de transição para a vida adulta” (Artiaga, cit. in Trilla, 2004: 232).

Em suma, apesar de me ter deparado ao longo do meu estágio com um conjunto de obstáculos que por vezes me fizeram sentir mais desanimada e até frustrada, questionando-me por diversas ocasiões o sentido da minha presença naquele contexto, bem como a pertinência da Casa da Juventude. Os jovens que não possuem qualquer projecto de vida (não trabalham nem estudam) são os que frequentam assiduamente a casa, todas as outras crianças, adolescentes e jovens apenas a frequentam no período de férias da escola, acredito que desejassem frequentar com mais regularidade, contudo, a instituição escolar “rouba-lhes” demasiado tempo, e quando estes saem da escola ao final da tarde, já o espaço didáctico se encontra encerrado. Este facto faz-nos pensar ao nível das políticas juvenis, o que se pretende com uma Casa da Juventude, quando o público-alvo deste contexto se encontra na escola a tempo inteiro. Assim, “os quotidianos juvenis rodopiam entre tempos monocromáticos e tempos policromáticos [sendo] os primeiros de natureza (escolar, profissional e familiar) e privilegiam os horários, a segmentação, a pontualidade; os segundos de natureza sociabilística e enfatizam a aleatoriedade, os sentimentos, a experimentação e a convivalidade” (Pais, cit. in Vale, 2009: 18).

Ao longo do presente capítulo dei conta que devemos entender o conceito de juventude no plural, ou seja, não existe uma juventude apenas, mas antes várias juventudes, e nesse sentido, quando falamos em tempo livre ou lazer juvenil devemos considerar esse um tempo preenchido por práticas e formas de estar diferentes. Como já vimos, existem diferentes modos para se viver a juventude e diferentes formas de se ser jovem.

Quando abordamos a noção de cultura juvenil, os lugares constituem cada vez mais um objecto de investimento juvenil, uma vez que são para os jovens espaços de identificação e reconhecimento; “neste exercício de construção de pertença a diferentes lugares, estes não ficam indiferentes e transformam-se, produzindo-se também através do atravessamento juvenil” (Silva, 2008: 457). Contextos como a Casa da Juventude ganham sentido e pertinência, na medida em que funcionam como um mecanismo social, ao mesmo tempo que possibilitam a construção de relações significativas, promovem uma articulação entre os jovens e outros contextos sociais. A Casa da

Juventude apresenta-se como um contexto onde os jovens se tornam visíveis e reconhecidos pelas experiências que vão tendo, que consideram significativas e que favorecem uma construção e um sentido de si.

Para os jovens que não possuem um projecto de vida, e que apresentam uma grande fragilidade no que diz respeito ao trajecto que devem seguir, limitando, assim, a sua condição de cidadãos, dando continuidade à estagnação das suas vidas, a casa tem o papel de apoiar e orientar na procura de informação, que para estes jovens por vezes é um universo de desconhecimento. Desta forma, só “quando o sujeito é aceite e reconhecido no âmbito de uma relação, ou de uma estrutura de relações, surge o sentimento de confiança que lhe possibilitará e encorajará a acções futuras” (Dias, cit. in Silva, 2008: 448). A relação significativa que muitos jovens, mas também crianças e adolescentes estabelecem com os técnicos da casa é favorável para que estes possam pensar ou repensar outros contextos, especialmente o contexto escolar.

Penso que apesar de tudo, o maior obstáculo no meu estágio na Casa da Juventude de Gondomar, foi sem dúvida o factor tempo, pois foi realmente um estágio bastante curto, pois só no final do estágio começava a conhecer melhor as crianças, os adolescentes e os jovens. Para o desenvolvimento de um bom trabalho deste género, é necessário tempo para estabelecermos uma relação de confiança com os sujeitos, desenvolvendo um trabalho que tenha como intencionalidade ter um impacto positivo e um sentido não só para mim, mas acima de tudo, para eles.

Capítulo IV

A construção de uma identidade profissional nas Ciências da Educação

Este último capítulo reveste-se de um carácter reflexivo, onde num primeiro ponto, faço uma reflexão em torno das práticas desenvolvidas no contexto de estágio, dando conta, por um lado, de que forma os saberes adquiridos no âmbito das Ciências da Educação foram contributos importantes para o desenvolvimento das minhas actividades, e por outro, que competências adquiri com a minha experiência na Casa da Juventude de Gondomar e que contribuíram para a construção de um “eu” profissional. Num segundo ponto, abordo as Ciências da Educação enquanto uma formação de banda larga, problematizando de que forma isso poderá ser positivo ou negativo para a construção de uma identidade profissional.

4.1 – Estágio: o desenvolvimento de um saber-fazer

O desconhecimento, a estranheza e a apreensão são palavras que me ocorrem na memória sempre que relembro o meu ingresso na licenciatura em Ciências da Educação. O meu primeiro ano ficou marcado pelas dúvidas e incertezas face a um curso que não sabia muito bem o que esperar, sentindo-me bastante reticente na idealização de perspectivas futuras. Embora estivesse com receio por não saber o que me esperava, simultaneamente, possuía um enorme interesse em perceber o que eram as Ciências da Educação, à medida que ia aprendendo novos pontos de vista e descortinando novos horizontes, novas formas de pensar e agir no campo educativo e social.

Ao longo da licenciatura em Ciências da Educação fui adquirindo conhecimentos, saberes e ferramentas que me tornavam teoricamente competente para trabalhar e intervir em qualquer contexto educativo, atendendo que a intenção da licenciatura seria formar novas figuras profissionais capazes “...de reflectirem na acção, [e] de se constituírem em investigadores no seu contexto prático” (Correia, cit. in Costa, Coelho e Moreira, 2007: 59). Contudo, a formação alcançada na licenciatura assume cada vez mais um carácter inacabado, devido à sua adaptação ao processo de Bolonha, à redução da estrutura curricular, e acima de tudo, pela retirada do momento do estágio, obrigando assim, a uma aposta na continuidade da formação.

O mestrado em Ciências da Educação tendo uma componente profissionalizante permite que os seus alunos beneficiem de um estágio curricular com intuito de “...articular uma formação de natureza académica com a pertinência de um exercício em contexto de trabalho, legitimado por aquela formação, sendo o estagiário o objecto,

mas também o sujeito da adequabilidade desta relação” (Vaz, 2009: 58). Assim, o mestrado possuindo esta vertente prática, permitiu, a meu ver, uma consolidação dos conhecimentos já adquiridos na licenciatura.

A ambiguidade que envolve as Ciências da Educação conduziu-me a grandes inseguranças no que diz respeito a um saber-fazer (ainda que estivesse muito bem preparada teoricamente), e por isso, o estágio é uma oportunidade fundamental para a construção de uma profissionalidade, sendo também uma forma de colocar em prática todos os saberes que fui aprendendo enquanto aluna, adequando-os às especificidades do contexto de estágio; aprendendo ainda, com o que contexto me tinha para oferecer através das suas dinâmicas, rotinas e da relação com os sujeitos. É no fundo, o desenvolvimento de um saber prático ligado a uma experiência em concreto, e a meu ver, o estágio representa acima de tudo um momento de grande formação que contribui para a estruturação de um novo papel social, o da minha identidade profissional. Encarando o estágio como um momento formativo, António Nóvoa (cit. in Canário, 1999: 21) considera que a formação “é sempre um processo de transformação individual, na tripla dimensão do saber (conhecimento), do saber fazer (capacidades) e do saber ser (atitudes)”. Por outras palavras, o estágio possibilita não só uma evolução a nível profissional, mas acima de tudo um crescimento a nível pessoal.

Durante o meu estágio fui solicitada para a realização de várias actividades, desde o desenvolvimento de actividades de carácter lúdico e pedagógico para pequenos e grandes grupos, apoio ao estudo, trabalho de pesquisa e elaboração de documentos, participação na organização de eventos formativos, visitas lúdicas, apoio no trabalho de outros serviços, orientação de uma funcionária, etc., ou seja, uma multiplicidade de actividades que resultam num trabalho, maioritariamente, orientado para as questões da animação. Um trabalho para o qual não tinha sido preparada, e para o qual existe uma formação de nível básico e secundário, mas que estando num contexto profissional deveria atender às tarefas que me eram solicitadas sem contudo esquecer a minha formação académica que era o que me distinguia naquele contexto. Penso que o de diferente trouxe à Casa da Juventude foi o tentar promover o empoderamento das pessoas, especialmente, quando se tratam de crianças, adolescentes e jovens, através de um estímulo constante que pudesse promover de alguma forma a autonomia destes nas suas vidas quotidianas, seja através do estímulo para os estudos, ou do estímulo para a procura de formação e emprego, no caso dos jovens. A intencionalidade educativa

esteve sempre nas várias actividades que ia realizando, procurando através do estímulo e do incentivo um sentido para o que se estava a realizar.

Tive oportunidade de aprender outro tipo de saberes que vão para além da animação e do desenvolvimento de actividades, que devido à minha formação em Ciências da Educação pude desenvolvê-los de forma satisfatória. O caso de ter tido a possibilidade de orientar uma funcionária, implicou que as minhas competências ao nível da formação e da capacidade de reflexão sobre as minhas próprias práticas fossem desenvolvidas. Sem estas competências formativas, adquiridas na minha formação académica, não teria realizado um bom trabalho com esta funcionária, promovendo também o seu empoderamento, no qual a minha tarefa era possibilitar que esta pudesse ser autónoma no seu trabalho, tentando-lhe transmitir todos os conhecimentos que adquiri naquele contexto, mas também todas as preocupações educativas que eu possuía.

Com a minha experiência na Casa da Juventude de Gondomar, adquiri competências de gestão, isto é, o ter que saber lidar com os funcionários da casa, de acordo com uma perspectiva de chefia, o que me permitiu ver as coisas sob um prisma diferente, nomeadamente, a postura que devemos ter enquanto profissionais. Tive a oportunidade de desenvolver competências ao nível da coordenação, administração e acima de tudo, aprendi bastante sobre estratégias de liderança, e nesse sentido, a minha supervisora local e coordenadora da Casa da Juventude, transmitiu-me muitos dos seus conhecimentos e das suas experiências enquanto profissional que ocupa uma posição de chefia. Todos os conhecimentos adquiridos através da minha experiência de estágio, permitem-me agora afirmar, que estaria preparada para exercer funções num mesmo lugar e num mesmo contexto, ou num noutro qualquer, pois iria possuir sempre competências de formação, gestão e liderança que favoreceram a construção da minha profissionalidade. Estas competências pela formação académica que possuo me aproximam mais de um trabalho de coordenação do que propriamente de um trabalho de animação, ainda que as questões da animação estivessem sempre presentes devido ao contexto que é a Casa da Juventude, com isto quero dizer, que a actuação de um profissional em Ciências da Educação numa Casa da Juventude não se limitaria nem se esgotaria no trabalho de animação.

Penso que toda a confiança que a coordenadora da casa depositava em mim, valorizando as minhas opiniões sobre determinados assuntos que exigiam uma toma de

decisão, se deve ao facto de eu possuir certas competências adquiridas nas Ciências da Educação, que à excepção da própria coordenadora, nenhum outro profissional na Casa da Juventude possuía, pois ao contrário deles eu tenho uma formação de nível superior que me permite obter outro tipo de juízos, opiniões e perspectivas sobre determinados assuntos. A Casa da Juventude sendo um contexto com grandes potencialidades educativas e tendo em conta o seu público-alvo, necessitava de profissionais com formação de nível superior, especialistas nas questões da educação e da formação, na forma de lidar com diferentes públicos e que pudessem ter outro tipo de perspectiva sobre o contexto e o trabalho realizado, deste modo, o meu trabalho também passou muito por apoiar o trabalho da coordenadora da casa.

4.2 – As Ciências da Educação: uma formação de banda larga

Muito se tem falado na polivalência das Ciências da Educação, denominando a formação nesta área como uma formação de banda larga, pela sua abrangência e pelos vários campos que os profissionais em Ciências da Educação podem actuar. No entanto, é necessário questionar o que entendemos por uma formação de banda larga, se esta será uma formação onde tudo é capaz de ser integrável? Por um lado, a polivalência atribuída ao trabalho das Ciências da Educação permite-nos, na verdade, que nos adaptemos a um qualquer contexto, sendo a questão da polivalência importante nos dias de hoje, o que poderá ser um ponto a nosso favor, pois o nosso trabalho não está orientado apenas para o desempenho de uma função. Por outro lado, o conceito de banda larga parece remeter para a realização de qualquer tarefa, sem especificidade, no sentido, em que nos permite que desenvolvamos todas as tarefas e mais algumas, e que somos capazes de resolver tudo e mais alguma coisa, o que também não me parece de todo correcto. Este é um discurso que por vezes nos tentam incutir durante todo o nosso percurso académico, um discurso bastante ilusório.

É neste aspecto que reside a grande problemática que envolve as Ciências da Educação, no que diz respeito à inexistência de um campo profissional específico de actuação, e ainda à diversidade de funções que os profissionais nesta área podem exercer, o que dificulta a construção de uma identidade profissional sólida. Como afirmam, Costa, Coelho e Moreira (2007: 55), “a não existência de uma designação profissional própria para os licenciados em Ciências da Educação que lhes confira uma

especificidade profissional atribuída pela sua formação, isto é, que lhes permita identificar, e ser identificados com, um determinado campo ou actividade profissional”, contribui claramente para a sua invisibilidade social, não só para o desconhecimento da própria licenciatura, mas também para o desconhecimento das competências profissionais que um licenciado em Ciências da Educação possui.

A necessidade de uma designação profissional conduziu a que, actualmente, um profissional em Ciências da Educação seja denominado de Mediador Socioeducativo e da Formação. Esta denominação continua, a meu ver, bastante imprecisa, atendendo que o termo mediação é ambíguo e vago. A mediação enquanto profissão é ainda bastante recente, e pouco clara, especialmente para os contextos de trabalho.

Penso que ainda existe um longo caminho a percorrer no que diz respeito a um maior reconhecimento social do trabalho das Ciências da Educação. É devido ao trabalho que os profissionais desta área têm vindo a desenvolver nos seus contextos de trabalho, que estes, por sua vez, têm vindo a conhecer e a reconhecer as competências adquiridas numa formação em Ciências da Educação. A multirreferencialidade é uma das marcas distintivas das Ciências da Educação, que nos remete para um novo olhar epistemológico sobre os fenómenos sociais e educativos, um novo olhar sobre as situações, os sujeitos e as relações. Um conjunto de fenómenos que se assumem complexos, nos quais se procura através de um caleidoscópio de olhares e de um paradigma interpretativo, desenvolver uma análise mais profunda, crítica e reflexiva, buscando sempre um sentido para os mesmos. Só através da realização de um bom trabalho nos permite distinguir dos demais profissionais da área da educação, mostrando a quem aposta em nós o desenvolvimento de um trabalho de qualidade.

Neste sentido, mais que procurar uma denominação profissional, penso que é importante que as competências, os saberes e os conhecimentos dos profissionais em Ciências da Educação possam ser reconhecidos socialmente, esta tarefa de divulgação cabe não só à faculdade, mas também aos próprios profissionais através do seu trabalho.

Em suma, para quem se confronta pela primeira vez com uma licenciatura em Ciências da Educação, a dúvida e incerteza são sentimentos que estão presentes ao longo de todo o percurso académico, em que tudo permanece impreciso e confuso. O estágio agora integrado no Mestrado em Ciências da Educação permite ir diminuindo estas dúvidas e incertezas, a partir do momento em que temos a oportunidade de exercer funções na nossa área de formação e integrar um contexto profissional.

Condiserações finais

Ao longo do presente trabalho tive como intento reflectir de forma fundamentada sobre aquilo que foi a minha experiência enquanto estagiária na Casa da Juventude de Gondomar. Esta é ainda um contexto bastante recente em Portugal, e nesse sentido, é ainda desconhecida por muitos, especialmente pelos próprios jovens, sendo este um espaço que é especialmente dirigido a eles. Espero que este relatório possa servir como um meio de dar a conhecer este conceito de Casa da Juventude, uma vez que existem poucos trabalhos académicos acerca deste contexto, e por ser um espaço onde um profissional em Ciências da Educação pode vir a desempenhar funções. Desta forma, espero que quem ler este trabalho possa ficar esclarecido sobre o que se faz na realidade numa Casa da Juventude.

A meu ver, a Casa da Juventude é um contexto cheio de potencialidades educativas, que poderia e deveria ser usufruído de forma mais favorável, contudo, existe ainda pouca visibilidade que, por conseguinte, negligencia todo um trabalho, isto é, o trabalho que é desenvolvido pelos profissionais da casa, um trabalho que é de extrema importância, mas também um trabalho ainda invisível e desvalorizado por muitos. A Casa da Juventude de Gondomar apresenta um conjunto de intencionalidades educativas e formativas que possibilita que o público jovem desenvolva uma cidadania mais activa, através de experiências formativas, incluindo as de convívio, permitindo que estes cresçam enquanto seres individuais e sociais.

Durante o meu estágio, apesar de todos os problemas que no início me confrontei, e que com o tempo acabaram por ser ultrapassados, obtive grandes aprendizagens e desenvolvi outras tantas competências, talvez a maior delas, foi a aprendizagem de uma dinâmica de trabalho num contexto específico, no qual pude exercer funções que contribuíram para a construção da minha profissionalidade. No meu contexto de estágio fui orientada por uma profissional da área das Ciências da Educação, o que me permitiu conhecer de perto o trabalho desenvolvido por uma profissional que possui a mesma formação académica que eu, o que foi positivo para o meu estágio.

O momento do estágio é sem dúvida um momento importante, pois é uma oportunidade de desenvolver um saber prático, e acima de tudo permite a construção de uma identidade profissional, uma vez que a forma de agir, o empenho, a entrega, a forma de nos relacionarmos com o outro, diz muito de nós enquanto pessoas, da nossa

personalidade, e estes são aspectos que contribuem e influenciam a construção de uma identidade profissional; o estágio possibilita um crescimento não só a nível profissional mas também pessoal.

A minha experiência na Casa da Juventude de Gondomar, foi também um momento de grande formação, pois implicou “... uma tensão permanente entre a reflexão e a intervenção” (Nóvoa cit. in Canário, 1999: 21), tensão esta que é característica do trabalho das Ciências da Educação, pois permite-nos ter uma atitude crítica e de constante questionamento, com o intuito de desenvolver um trabalho com sentido.

Em suma, fazendo alusão ao título deste trabalho, o estágio permitiu o descobrir um sentido a partir do saber prático, sentido este que se torna numa busca incessante na licenciatura e no mestrado, um sentido que não é ainda muito claro, mas que no confronto com uma experiência prática todas as peças de puzzle começam a encaixar-se e a fazer sentido. Termino apenas com uma afirmação que parece sintetizar o que na minha opinião foi este estágio, e para mim foi “...o aprender descobrindo e o aprender fazendo” (Lopes, 2006: 398).

Referências Bibliográficas

ANDER-EGG, Ezequiel (1989) *La animación y los animadores: pautas de acción y de formación*. Madrid: Narcea.

AQUINO, Cássio e MARTINS, José (2007) “Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho”, *Revista Mal-estar e Subjectividade*, 2, 479-500.

ARDOINO, Jacques (1982) *L'implication*. Lyon: Vois Livres.

BERGER, Guy (1992) “A investigação em educação: modelos sócio-epistemológicos e inserção institucional”, *Revista de Psicologia e de Ciências da Educação*, 3/4, 23-36.

BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari (1994) *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

BURGESS, Robert G. (1997) *A pesquisa de terreno*. Oeiras: Celta Editora.

CAMPOS, Bártolo (coord.) (1990) *Psicologia do desenvolvimento e educação de jovens*. Lisboa: Universidade aberta, vol. I.

CANÁRIO, Rui (1999) *Educação de adultos: um campo e uma problemática*. Lisboa: Educa.

CARAMELO, João e CORREIA, José Alberto (2003) “Da mediação local ao local da mediação: figuras e políticas”, *Educação, Sociedade & Culturas*, 20, 167-191.

CORREIA, José Alberto (1998) *Para uma teoria crítica em educação*. Porto: Porto Editora.

COSTA, Alexandra Sá (2001) *Políticas de juventude: regulação e/ou emancipação*. Porto: FPCE-UP, Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação.

COSTA, Alexandra Sá, COELHO, Orquídea e MOREIRA, Rui (2007) “Os licenciados em Ciências da Educação: itinerários de inserção e configuração da profissão”, *Educação, Sociedade & Culturas*, 24, 39-65.

CAVACO, Cármen (2002) *Aprender fora da escola: percursos de formação experiencial*. Lisboa: Educa.

GOMES, Maria Lúcia *et al.* (2002) *Crescer em comunidade: estratégias de educação não formal à desoberta de culturas juvenis*. Lisboa: Ministério da Educação.

LOPES, Marcelino de Sousa (2006) *Animação Sociocultural em Portugal*. Chaves: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.

MENEZES, Isabel (2007) *Intervenção comunitária: uma perspectiva psicológica*. Porto: LivrPsic.

PAIS, José Machado (1990) “A construção sociológica da juventude: alguns contributos”, *Revista Análise Social*, 105-165.

QUINTANA, José Maria (1993) *Los ámbitos profesionales de la animación*. Madrid: Narcea.

QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, Luc Van (2005) *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

SANTOS, Sofia Ramos (2009) *Lugares emergentes da animação sociocultural: experiências e produções socioeducativas, situadas na tensão entre exclusão social e igualdades como condição*. Porto: FPCE-UP, Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação.

SILVA, Sofia Marques (2008) *Exuberâncias e (trans)figurações de si numa casa da juventude: etnografia de fragilidades e de estratégias juvenis para o reconhecimento e para a dignidade*. Porto: FPCE-UP, Tese de Doutoramento em Ciências da Educação.

SINGER, Peter (2000) *Ética prática*. Lisboa: Gradiva.

TRILLA, Jaume (coord.) (2004) *Animação Sociocultural: teorias, programas e âmbitos*. Lisboa: Instituto Piaget.

VALE, Marta (2009) *Circuitos juvenis de lazer: um estudo sobre tempo e espaços de lazer de rapazes e raparigas no centro histórico do Porto*. Porto: FPCE-UP, Dissertação de Mestrado em Ciências d Educação.

VAZ, Henrique (2003) *Os jovens: dos estatutos atribuídos aos estatutos construídos: uma abordagem histórica e contemporânea da problemática da juventude*. Porto: Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, trabalho de síntese.

VAZ, Henrique (2009) “A mediação em contexto de formação como reinvenção de novos ofícios: o caso dos estágios e da licenciatura em Ciências da Educação na Universidade do Porto”, *Educação, Sociedade & Culturas*, nº 29, 53-72.

VIEIRA, Sandra (2009) *Xadrez social e educacional: discursos e subjectividades de jovens em sala de aula*. Porto: FPCE-UP, Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação.

Referências electrónicas

CASANOVA, Francisco (2007) *Educar para os media e para a cidadania: a casa da juventude da Povia de Varzim como alicerce estratégico de desenvolvimento local*. [On-line], <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/7028>, 27/03/10.

<http://www.ciberjunta.com/gondomarscosme.html>, 29/03/10.

http://www.gondomar.com.pt/v2/index.php?option=com_content&task=view&id=23&Itemid, 29/03/10.

http://www.cm-gondomar.pt/PageGen.aspx?WMCM_PaginaId=30193, 29/03/10.

Outras fontes

Plano Anual de Actividades (2010) das Casas da Juventude de Gondomar e de Rio Tinto.

Regulamento das Casas da Juventude do Município de Gondomar (2009).

ANEXO I

**Questionário desenvolvido para o estudo sobre os tempos livres dos
jovens das freguesias de Gondomar (S. Cosme) e Rio Tinto**

Questionário

Com este questionário pretendemos conhecer quais os teus interesses e actividades preferidas, em suma, queremos perceber de que forma ocupas os teus tempos livres. Nota que este questionário não é um teste e, portanto, não há respostas certas ou erradas. A tua opinião é que é importante para nós.

Não escrevas o teu nome. Este questionário é confidencial e privado. Vamos pedir-te para responderes a um conjunto de questões sobre ti próprio e a ocupação dos teus tempos livres bem como actividades e assuntos que suscitem o teu interesse. Ao longo do questionário, vais ler um conjunto de diferentes afirmações. Na maioria das questões deves indicar o grau de importância que têm para ti ou o grau de frequência, ou ainda o teu grau de concordância. Para isso, vais usar uma escala de 5 pontos em que “1” significa que é pouco importante e “5” significa que é muito importante, por exemplo. Se te enganares e quiseres alterar a tua resposta, risca por cima e faz um círculo no novo número. Ao longo do questionário terás também outras questões em que apenas terás que assinalar a tua opção, seguindo as instruções que te forem dadas sem escala de satisfação ou frequência.

Podes começar a responder. Não te esqueças que deves responder a todas as questões.

1. **Idade:** _____

2. **Sexo:** Masculino ☐ Feminino ☐

3. **Nível de escolaridade:**

4. **Em que freguesias vives:** Gondomar ☐ Rio Tinto ☐ Outra: _____

5. **Agregado familiar (refere as pessoas com quem vives regularmente):**

Grau de Parentesco	Idade	Profissão	Habilitações

6. **Relembra um dia da tua semana e indica:**

A que horas te levantaste _____

A que horas foste para a escola ou trabalho _____

A que horas saíste da escola ou trabalho _____

Quanto tempo de almoço e jantar tiveste _____

Praticaste alguma actividade? _____
 Conviveste com a família ou amigos? _____
 O que gostaste mais de fazer? _____
 A que horas te deitaste? _____

7. Na tua opinião e muito brevemente, diz o que significa para ti tempos livres e lazer.

8. Durante as tuas férias costumás:

Afirmações	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Passar férias longe de casa mas em Portugal	1	2	3	4	5
Passar férias no estrangeiro	1	2	3	4	5
Ficar por casa com a família	1	2	3	4	5
Ficar por casa com os amigos	1	2	3	4	5
Passar férias noutra local com os amigos	1	2	3	4	5
Passar férias noutra local com a família	1	2	3	4	5
Integrar campos de férias	1	2	3	4	5
Ir ver concertos ou ir a festivais	1	2	3	4	5
Acampar	1	2	3	4	5

9. Indica com que frequência praticas cada uma das seguintes actividades:

Actividades	Nunca	Uma vez por mês	Quinzenal mente	Semanal mente	Todos os dias
Associações juvenis	1	2	3	4	5
Grupo religioso	1	2	3	4	5
Escuteiros	1	2	3	4	5
Discotecas e bares	1	2	3	4	5
Festas	1	2	3	4	5
Casa da Juventude	1	2	3	4	5
Centros comerciais	1	2	3	4	5
Ler livros	1	2	3	4	5
Ler revistas e jornais	1	2	3	4	5
Ouvir música	1	2	3	4	5
Ver programas desportivos	1	2	3	4	5

Ver programas de animação e entretenimento	1	2	3	4	5
Ver telejornais, programas informativos ou documentários	1	2	3	4	5
Ver filmes, series ou novelas	1	2	3	4	5
Ver programas ou ler sobre saúde	1	2	3	4	5
Ver programas ou ler sobre educação	1	2	3	4	5
Ver programas ou ler sobre novas tecnologias	1	2	3	4	5
Jogar consola ou computador	1	2	3	4	5
Passear	1	2	3	4	5
Estar e conversar com os amigos	1	2	3	4	5
Estar e conversar com a família	1	2	3	4	5
Ir ao cinema/teatro	1	2	3	4	5
Dança	1	2	3	4	5
Tocar ou cantar	1	2	3	4	5
Jogar futebol ou futsal	1	2	3	4	5
Jogar voleibol	1	2	3	4	5
Jogar basquete	1	2	3	4	5
Jogar andebol	1	2	3	4	5
Fazer natação	1	2	3	4	5
Fazer patinagem	1	2	3	4	5
Andar de bicicleta					
Ir ao ginásio	1	2	3	4	5
Navegar na internet	1	2	3	4	5
Actividades lúdicas desenvolvidas pela tua freguesia ou concelho	1	2	3	4	5
Ajudar nas tarefas domésticas	1	2	3	4	5
Biblioteca	1	2	3	4	5
Frequentar cursos ou formações	1	2	3	4	5
Usar telemóvel para jogar, internet ou conversar com os amigos	1	2	3	4	5
Namorar	1	2	3	4	5

10. Tendo em conta as actividades que mais frequentas, indica se concordas com as seguintes afirmações:

Afirmações	Discordo totalmente	Discordo Parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Pratico actividades pelo prazer, alegria e felicidade que me dão	1	2	3	4	5
Pratico actividades para melhorar a saúde	1	2	3	4	5
Pratico actividades para relaxar ou aliviar o stress	1	2	3	4	5
Pratico actividades para o meu crescimento e desenvolvimento pessoal	1	2	3	4	5
Pratico actividades para satisfação e	1	2	3	4	5

realização pessoal					
Pratico actividades para o ocupar o tempo	1	2	3	4	5
Pratico actividades porque os meus amigos também praticam	1	2	3	4	5
Pratico actividades porque os meus pais me incentivam a fazê-lo	1	2	3	4	5
Pratico actividades para conhecer novas pessoas	1	2	3	4	5
Pratico actividades para conviver com os outros	1	2	3	4	5
Pratico actividades para melhorar ou manter a minha condição física	1	2	3	4	5
Pratico actividades para mostrar as minhas capacidades	1	2	3	4	5
Pratico actividades porque me propiciam novas experiências	1	2	3	4	5
Pratico actividades porque gosto de novas tecnologias	1	2	3	4	5

11. Frequentas alguma associação, clube ou grupo?

Sim ☐ Não ☐ (Se respondeste “Não” passa para a pergunta número 13.)

12. Se sim, qual?

Associação, clube ou grupo	Nunca	Uma vez por mês	Quinzenal mente	Semanalm ente	Todos os dias
Associação recreativa	1	2	3	4	5
Grupo musical	1	2	3	4	5
Associação de estudantes	1	2	3	4	5
Grupo de teatro	1	2	3	4	5
Clube desportivo	1	2	3	4	5
Grupo ecológico/ambientalista	1	2	3	4	5
Casa da Juventude	1	2	3	4	5
Catequese	1	2	3	4	5
Escuteiros	1	2	3	4	5
Partido político	1	2	3	4	5
Associação de estudantes	1	2	3	4	5
Grupo religioso	1	2	3	4	5

13. Se respondeste “Não” na pergunta número 11, indica se concordas com as razões que te apresentamos para não frequentares nenhuma associação, clube ou grupo.

Acções	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Nem concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Não vale a pena	1	2	3	4	5
Prefiro fazer as coisas por mim mesmo	1	2	3	4	5

Prefiro organizar-me com os amigos	1	2	3	4	5
As associações, clubes ou grupos que existem não me agradam	1	2	3	4	5
As associações, clubes ou grupos que me agradam são caros	1	2	3	4	5
As associações, clubes ou grupos que me agradam ficam longe de onde vivo	1	2	3	4	5
Não tenho tempo para participar	1	2	3	4	5

14. Em relação ao teu tempo livre, diz se concordas com as seguintes afirmações:

Afirmações	Discordo Totalmente	Discordo parcialmente	Nem concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo Totalmente
Considero que o meu tempo livre é o suficiente	1	2	3	4	5
Sinto-me satisfeito com aquilo que faço durante o meu tempo livre	1	2	3	4	5
Ocupo o meu tempo livre com os meus amigos	1	2	3	4	5
Prefiro actividades que envolvam exercício físico	1	2	3	4	5
Prefiro actividades que envolvam a Internet	1	2	3	4	5
Não pratico actividades porque são caras	1	2	3	4	5
Considero que a zona onde vivo tem muitas ofertas de actividades de ocupação do tempo livre	1	2	3	4	5
Prefiro actividades manuais	1	2	3	4	5
Não me envolvo em actividades que exijam muito de mim	1	2	3	4	5
Se pudesse aumentaria o meu tempo livre	1	2	3	4	5
Ocupo o meu tempo livre com a família	1	2	3	4	5
Não tenho tempo para praticar outras actividades	1	2	3	4	5
Prefiro passar o meu tempo livre sozinho	1	2	3	4	5
Nos meus tempos livres não gosto do que faço mas também não sei o que hei-de fazer	1	2	3	4	5
Prefiro actividades que envolvam novas tecnologias	1	2	3	4	5
Durante o meu tempo livre, penso naquilo que tenho para fazer	1	2	3	4	5
Considero que tenho tempo livre a mais	1	2	3	4	5

15. Qual a importância que atribuis a cada um dos seguintes aspectos da tua vida:

Aspectos da vida	Nada importante	Pouco importante	Indiferente	Importante	Muito Importante
Trabalho	1	2	3	4	5
Família	1	2	3	4	5
Amigos e conhecidos	1	2	3	4	5
Tempos livres	1	2	3	4	5
Política	1	2	3	4	5
Religião	1	2	3	4	5
Dinheiro	1	2	3	4	5
Amor	1	2	3	4	5

16. Indica se conheces as seguintes associações/grupos organizados em Rio Tinto:

Associações/ grupos organizados em Rio Tinto	Não conheço	Conheço pouco	Conheço	Conheço bem	Conheço muito bem
Associação desportiva e recreativa da Ponte de Rio Tinto	1	2	3	4	5
Associação Recreativa de Rio Tinto	1	2	3	4	5
Associação Recreativa de São Caetano	1	2	3	4	5
Banda de São Cristóvão de Rio Tinto	1	2	3	4	5
Casa do Sport Lisboa e Benfica de Gondomar	1	2	3	4	5
Clube Atlético de Rio Tinto	1	2	3	4	5
Clube Dramático e Beneficente de Rio Tinto	1	2	3	4	5
Mosteiro Futebol Club Rio Tinto	1	2	3	4	5
Casa da Juventude de Rio Tinto	1	2	3	4	5
Orfeão de Rio Tinto	1	2	3	4	5
Sociedade Columbófila de Rio Tinto	1	2	3	4	5
Unidos à Ponte de Rio Tinto	1	2	3	4	5
Outra. Qual?					

17. Indica se conheces as seguintes associações/grupos organizados em Gondomar

Associações/grupos organizados em Gondomar	Não conheço	Conheço pouco	Conheço	Conheço bem	Conheço muito bem
Gondomar Sport Clube	1	2	3	4	5
Associação Recreativa Juventude de S. Jorge	1	2	3	4	5
Centro Ciclista de Gondomar	1	2	3	4	5
Gondomar Futsal Clube	1	2	3	4	5
Grupo Columbófilo de Gondomar	1	2	3	4	5
Clube Gondomarense	1	2	3	4	5
Orfeão de Gondomar	1	2	3	4	5
Casa da Juventude de Gondomar	1	2	3	4	5

Juventude Desportiva de Gondomar	1	2	3	4	5
Motoclube de Gondomar	1	2	3	4	5
Ala de Nun'Álvares Cabral	1	2	3	4	5
Vilar Futsal Clube Desportivo	1	2	3	4	5
Grupo Psillite	1	2	3	4	5
Outra. Qual?					

Obrigada pela tua colaboração!

